



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA – DCET
BACHARELADO EM URBANISMO**

JOELMA GOMES FERREIRA

**DINÂMICA DA FEIRA LIVRE DE SIMÕES FILHO E O CIRCUITO
INFERIOR DA ECONOMIA URBANA**

Salvador/BA
2017



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA – DCET
BACHARELADO EM URBANISMO**

JOELMA GOMES FERREIRA

**DINÂMICA DA FEIRA LIVRE DE SIMÕES FILHO E O CIRCUITO
INFERIOR DA ECONOMIA URBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade do Estado da
Bahia, como requisito para obtenção do
grau de Bacharel em Urbanismo.

Orientador: Prof. D^o Agripino Souza
Coelho Neto.

Salvador/BA
2017

Universidade do Estado da Bahia

Sistema de Biblioteca

Ficha Catalográfica - Produzida pela Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura



JOELMA GOMES FERREIRA

**DINÂMICA DA FEIRA LIVRE DE SIMÕES FILHO E O CIRCUITO
INFERIOR DA ECONOMIA URBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade do Estado da
Bahia, como requisito à obtenção do grau
de Bacharel em Urbanismo.

Aprovada em 29 de novembro de 2017.

Banca Examinadora:

Agripino Souza Coelho Neto
Doutor em Geografia (UFF)
Docente da Universidade do Estado da Bahia - Campus I

Jessé Anderson Pinto Machado
Mestre em Administração (UFBA)
Docente da Universidade do Estado da Bahia - Campus I

Anderson Gomes de Oliveira
Mestre em Geografia (UFBA)
Docente da Universidade Salvador - UNIFACS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço as forças do universo que convergem para facilitar o progresso daqueles que acreditam que podem aprender com suas escolhas.

Com gratidão e respeito, exalto os meus antepassados que juntos lutaram para que hoje nós pudéssemos viver uma vida melhor e que de algum modo ainda nos protege, nos guia e nos fortalece.

Com o melhor amor, agradeço a Senhora Valdiluce Gomes da Cruz, minha rainha, minha mãe, que sempre me ensinou a ser boa filha, boa irmã e boa amiga. Que abdicou de sua vida em prol da minha, que me chama de amor e que todos os dias diz para mim: você é uma mulher linda, guerreira, vencedora, melhor presente de Deus minha filha! A você minha mãe devo tudo que sou. Com esta conquista que é exclusivamente sua, espero estar lhe dando uma forma de retribuição

Agradeço também, àquela criança chamada Riana, coisa mais gostosa e dengosa da minha vida, pelos seus abraços e sorrisos mais puros. Criança a qual tentei ensinar cotidianamente me chamar de tia, sem lograr êxito; pois ela insiste em me chamar de Joelma ou Jó (forma carinhosamente reduzida), quando interessada em algo, quando quer pedir alguma coisa. Ela, também, receberá neste ano o título de 'alfabetizada', motivo que me enche de orgulho e pelo qual lhe dou antecipadamente meus Parabéns!

As minhas primas, em especial, Adriana Pinheiro por ser a mãe de Riana, por cuidar da minha mãe e por ser cúmplice e a Tassia Cris pela presença nos momentos mais difíceis. As minhas lindas tias, Jaciara, Cris e Cristina e para não causar polêmica aos meus queridos tios, Evilásio, Gilson, Paulo, Mário, Jair e ao meu irmão Osair.

Ao universo agradeço, pela oportunidade de encontrar as minhas Irmãs Erica Ferreira e Carine Ferreira, que chegaram para tornar a minha vida mais completa e feliz. Só Deus sabe o tanto que agradeço por este amor.

Agradecer a familiares é fácil, difícil é agradecer a todos as amigas e amigos porque são tantos. Neste momento de realização começarei agradecendo especialmente à Apoena Ferreira e Michele dos Santos que se tornaram próximas durante a realização do curso e muito me ajudaram no processo de reafirmação

enquanto mulher negra; amigas que estiveram e estão ao meu lado, para o que der vier, cada qual me ajudando de acordo com sua capacidade. A essas amigas especiais quero dizer que as amo muito.

São também inesquecíveis os amigos Anderson Argolo, Valdinei Brito, Bruno César, Jorge Anderson, Fabio Vinicius, Caio Igor, Mauricio Souza, Jailton Santos, Ancélio Souza, Andréa Alves, Joane Araújo e Rafaela Barbosa, aos quais quero expressar todo o meu carinho e gratidão.

À toda comunidade acadêmica, em especial ao meu orientador Agripino Coelho, aos professores Jessé Machado, Rita Vieira, Lysie Reis, Débora Rego e Luís Antônio, que juntos contribuíram para a minha formação.

E por fim, aos feirantes, consumidores e moradores de Simões Filho que tornaram possível a realização desta pesquisa.

Cântico Negro

“Vem por aqui” – dizem alguns com os olhos doces, estendendo-me os braços, e seguros de que seria bom se eu os ouvisse quando me dizem: “vem por aqui”! Eu olho-os com olhos lassos, (há, nos meus olhos, ironias e cansaços) e cruzo os braços, e nunca vou por ali [...] Ah, que ninguém me dê piedosas intenções! Ninguém me peça definições! Ninguém me diga: “vem por aqui”! EU AMO LONGE, ENXERGO LONGE e nunca vou aí!”

(Maria Betânia)

RESUMO

A feira livre é identificada como elemento importante para estrutura social no meio urbano, pois é formada por uma dinâmica específica de ocupação ou apropriação do espaço e constitui um fenômeno econômico, político, social e cultural. Na maioria das cidades considera-se que a feira é o principal centro de abastecimento alimentar e exerce papel fundamental para o desenvolvimento de importantes funções comerciais. Em Simões Filho ela acontece no mercado municipal, mas anteriormente ocupou dois espaços diferentes: primeiro, a Praça Noêmia Meirelles (antiga praça da bandeira; segundo, a Praça da Bíblia. Em ambos provocou mudanças na organização socioespacial da sede do município. Este trabalho acadêmico analisa a feira livre que ocorre neste município integrante da Região Metropolitana de Salvador (RMS) quanto à influência que exerce na dinâmica do espaço urbano, como atividade econômica inserida no circuito inferior da economia. A teoria central desta pesquisa é a economia urbana: que é constituída por dois circuitos: Circuito Superior, em que prevalecem as grandes empresas e a modernização tecnológica e o Circuito Inferior, formado por atividades de pequena dimensão e interessado às populações pobres. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter participante, cuja estrutura analítica foi subsidiada por levantamentos bibliográfico e etnográfico

Palavras-chaves: Feira Livre; Circuitos da Economia; Dinâmica Urbana; Simões Filho/Ba

ABSTRACT

The street market is identified as an important element for social structure in the urban environment, because it is formed by a specific dynamics of occupation or appropriation of space and constitutes an economic, political, social and cultural phenomenon. In most cities it is considered that the street market is the main center of food supply and works a key role in the development of important commercial functions. In Simões Filho (BA) it happens in the municipal market, but previously it occupied two different spaces: the first one, located in the Noêmia Meirelles's square (old Bandeira's square); the second, in Bíblia's square. In both, it caused changes in the socio-spatial organization of the municipality's headquarters. This academic work analyzes the street market that occurs in this integral city to the Salvador's Metropolitan Region (SMR) concerning the influence it exerts in the dynamics of urban space, as an economic activity inserted in the lower circuit of the economy. The central theory of this research is the urban economy, it is constituted by two circuits: Upper Circuit, in which the big companies prevail and the technological modernization and the Lower Circuit, formed by small dimensions activities and interested to the poor populations. It is a qualitative research, of participant character, whose analytical structure was subsidized by bibliographical and ethnographic surveys.

Keywords: Street Mrrket; Circuits of the Urban Economy; Urban Dynamics; Simões Filho/Ba.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Foto comparativa da Praça Noêmia Meirelles, Simões Filho - BA	48
Figura 2	- Imagem da prefeitura municipal de Simões Filho - BA	50
Figura 3	- Praça da Bíblia no município de Simões Filho – BA	50
Figura 4	- Vista lateral do mercado municipal de Simões Filho, foto comparativa	53
Figura 5	- Vista de cima do mercado municipal e do seu entorno	54
Figura 6	- Imagem comparativa da área do entorno ao mercado municipal, demonstrando a aumento de números de edificações.	54
Figura 7	- Área destinada a comercialização de vestuários	55
Figura 8	- Área destinada a comercialização de carnes	56
Figura 9	- Área destinada a comercialização de alimentos e produtos: frutos do mar, hortaliças e bar	56
Figura 10	- Situação das barracas de madeiras	63
Figura 11	- Fluxo de veículos dentro do mercado municipal	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Evolução da população urbana e rural de Simões Filho	41
Tabela 2	- Produção econômica do município de Simões Filho, pelos setores da agropecuária, indústria e comércio e serviço	43
Tabela 3	- Número de estabelecimentos por setores de atividade econômica - Bahia, TI Metropolitano de Salvador e Simões Filho	44
Tabela 4	- Estoque formal de emprego segundo os grandes setores de atividade econômica – Bahia, TI Metropolitano e Simões Filho.	45
Tabela 5	- Local de nascimento e moradia dos feirantes da feira de Simões Filho	59
Tabela 6	- Meios de deslocamento dos feirantes da feira de Simões Filho	60
Tabela 7	- Produtos comercializados na feira de Simões Filho	65
Tabela 8	- Cidades onde são adquiridos os produtos	65
Tabela 9	- Dificuldade mencionadas pelos feirantes de Simões Filho	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	- Tamanho da feira, considerando como indicativo o número de feirantes	19
Gráfico 2	- Grau de escolaridade dos feirantes da feira de Simões Filho	58
Gráfico 3	- Faixa etária dos feirantes da feira de Simões Filho	58
Gráfico 4	- Tempo de trabalho na feira de Simões Filho	59
Gráfico 5	- Tempo de deslocamento dos feirantes da feira de Simões Filho	61
Gráfico 6	- Carga horária de trabalho	61
Gráfico 7	- Outra atividade além da feira	62
Gráfico 8	- Renda mínima por semana	62
Gráfico 9	- Números de feirantes que possui inscrição municipal	62
Gráfico 10	- Situação banca na feira livre	63
Gráfico 11	- Se possui ajuda durante o trabalho na feira de Simões Filho	64
Gráfico 12	- Motivos pelo qual a feira tem perdido importância	67
Gráfico 13	- Há impactos dos supermercados sob a feira	67
Gráfico 14	- Faixa etária dos consumidores	68
Gráfico 15	- Nível de escolaridade dos consumidores	69
Gráfico 16	- Profissão dos consumidores	69
Gráfico 17	- Meio de transporte utilizado pelos consumidores	70
Gráfico 18	- Local de preferência de compras dos consumidores	71
Gráfico 19	- Tipos de produtos comprados na feira pelos consumidores	71
Gráfico 20	- Valor gasto na feira pelos consumidores	71
Gráfico 21	- Dificuldades apontadas pelos consumidores da feira de Simões Filho	72
Gráfico 22	- Oportunidade de melhorias apontadas pelos consumidores da feira de Simões Filho	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos	30
Quadro 2	- Descrição das características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos	32
Quadro 3	- Descrição do funcionamento do circuito inferior da economia urbana dos países subdesenvolvidos	36
Quadro 4	- Relativização da força e da fraqueza do circuito inferior da economia	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A FEIRA LIVRE COMO OBJETO ESTUDO.....	18
3 A TEORIA DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA.....	29
3.1 O CIRCUITO SUPERIOR	33
3.2 O CIRCUITO INFERIOR	35
4 FEIRA LIVRE DE SIMÕES FILHO: FORMAÇÃO E MOBILIDADE GEOGRÁFICA DA FEIRA LIVRE NAS PARTICULARIDADES DO CIRCUITO INFERIOR	40
4.1 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE SIMÕES FILHO	40
4.2 A FORMAÇÃO E MOBILIDADE GEOGRÁFICA DA FEIRA LIVRE	46
4.3 FEIRA, FEIRANTES E O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA.....	57
4.4 FEIRANTES – CONSUMIDORES.....	68
5 CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS.....	76

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, busca-se analisar e interpretar a feira livre que ocorre em Simões Filho, Região Metropolitana de Salvador – BA, enquanto espaço econômico inserido no circuito inferior da economia. O surgimento ou a formação das primeiras feiras livres, inicialmente deu-se pela necessidade do abastecimento alimentar, em que se trocavam produtos uns pelos outros, ou seja, havia a denominada economia de escambo.

Dantas (2007) afirma que o mercado ou feiras constitui uma das manifestações da atividade comercial mais antigas e tradicionais do mundo. Sua difusão ocorreu juntamente com o crescimento das relações comerciais e o renascimento urbano na passagem do modo de produção feudal para o capitalista - modelo econômico em que os meios de produção e distribuição pertencem à classe dominante, onde a diferença de renda da população dificulta, para muitos, o acesso a bens e serviços.

Entende-se como feira livre um conjunto de atividades econômicas, sociais, culturais que podem ser analisadas em escala local e regional, atividades que ocorrem preponderantemente no espaço urbano. Ainda que ocorra uma vez por semana, ela infere na configuração urbana, tanto do ponto de vista estético quanto espacial. Seu estudo pode ser feito por diversos caminhos metodológicos nos quais as análises podem ir além dos aspectos meramente comerciais, de compra e venda.

As revoluções industriais, tanto a primeira que usava carvão como fonte de energia e a segunda que utilizava uso da eletricidade, provocaram não apenas modificações na forma de estruturação do espaço urbano, como no grau de importância e protagonismo exercido pelo setor primário da economia que, em muitos lugares cedeu espaço para o novo setor secundário (industrial) e posteriormente para o setor terciário.

O município de Simões Filho, por exemplo, foi um desses lugares, haja vista que antes suas principais atividades econômicas concentravam-se na agricultura e agora estão divididas da seguinte forma: Agropecuária, com 0,2%; Indústria, com 37,4% e comércio e serviços, com 62,4% (SEI, 2016). Tais dados evidenciam uma reduzida produção agrícola no município, o que faz ressaltar a dependência de produtos agrícolas provenientes de outros lugares. Nesse sentido, evidencia-se a importância do mercado municipal de Simões Filho, não apenas por ser o principal centro de abastecimento alimentar da cidade, como pelo papel que exerce no

desenvolvimento de importantes funções comerciais, econômicas, sociais e culturais para a cidade. Contudo, tal influência pode se tornar menor a cada dia por conta da implantação de empreendimentos comerciais de médio e grande portes que fazem parte de um outro circuito de produção, distribuição e comercialização.

Na feira livre a negociação é realizada no contato face-a-face entre feirante e consumidor, podendo haver desconto no ato da compra e normalmente o pagamento é realizado à vista. Pois, reduz/elimina a possibilidade de inadimplência já que não é usual a existência de cadastros dos clientes. Por um lado, tais efeitos são positivos para o feirante; por outro, pode gerar o deslocamento de clientes para os estabelecimentos do mercado formal situado fora de espaço da feira livre, geralmente estabelecimentos de maior porte, porquanto podem oferecer mais de um modo de pagamento (débito, crédito ou parcelado), por exemplo.

Como anteriormente observado, a feira livre sofre a concorrência de estabelecimentos que, além de terem maior porte, são estruturalmente melhor organizados e operam com maior volume de capital. Este é um ponto cuja reflexão e análise pode ser aprofundada com base na obra de Milton Santos, denominada *O espaço dividido: os dois circuitos da economia dos países desenvolvidos*. Nela o autor afirma que a economia urbana é formada por dois circuitos: Circuito Superior, em que prevalece as grandes empresas e a modernização tecnológica e o Circuito Inferior, formado por atividades de pequena dimensão e interessado às populações pobres. Ambos possuem diferenças acentuadas entre si, embora sejam circuitos indissociáveis (SANTOS, 2008, p.22).

Sabe-se que a feira livre ocorreu em dois espaços diferentes: o primeiro, na Praça Noêmia Meirelles (antiga praça da bandeira); o segundo na Praça da Bíblia. Ambos provocaram mudanças na organização socioespacial da cidade. Atualmente está localizada na área central, ponto de convergência de duas importantes vias coletoras, Avenida Washington Luís e Avenida Walter Aragão de Souza, as quais promovem a integração entre as demais áreas da cidade. Neste sentido, a feira-livre pode ser acessada facilmente pelos atores sociais urbanos, o que possibilita o surgimento de serviços diversificados, como o de transporte de passageiros, alimentação e outros que, conjuntamente dinamizam a vida da cidade. Apesar da feira-livre promover direta e indiretamente a inserção dessa gama de serviços na economia urbana do município, quais os seus limites e quais as suas possibilidades

como atividade capaz de produzir dinâmica no espaço urbano do Município de Simões Filho?

O objetivo geral deste TCC é analisar a feira livre, enquanto atividade econômica inserida no circuito inferior da economia. São objetivos específicos: investigar o histórico e a mobilidade espacial da feira livre; identificar e traçar o perfil dos agentes sociais; analisar o impacto na dinâmica urbana diante do processo de ocupação do espaço.

O interesse em analisar a feira livre como fenômeno econômico, social, cultural e espacial, surgiu da necessidade de compreender como este fenômeno exerce funções importantes nos territórios urbanos e rurais. A feira livre no espaço urbano, apresenta-se como ponto de ligação entre estes territórios, pois é o lugar que comercializa o que o campo produziu, mesmo não sendo espaço exclusivo de comercialização de produtos agrícolas. Sabe-se que o acontecer das feiras livres, desenvolvem relações sociais, econômicas e culturais de modos diferentes, enquanto intensidade, tais relações se mostram mais intensas que outras. E, isso dependerá do nível do envolvimento dos atores inseridos na construção destas relações. O que vale enfatizar que a feira livre é meio de produção da vida humana. Desta forma, estudar e compreender as questões relacionadas aos processos econômicos e espaciais, a partir do contexto da feira livre, sob o olhar acadêmico do urbanismo torna-se de extrema relevância, pois a cidade é um aglomerado dinâmico e o urbanismo busca lidar com as relações que se estabelecem nessa trama urbana.

Trata-se de pesquisa qualitativa para entender a dinâmica do fenômeno feira livre que ocorre no município de Simões Filho. É de cunho participante, haja vista que: a realizadora atua como feirante há 20 anos e acompanha de perto as modificações ocorridas no mercado municipal; conhece como são desenvolvidas as estratégias de vendas, o manuseio, armazenamento dos alimentos e os demais produtos; vivencia a relação entre os feirantes mediante seus relacionamentos informais com os demais agentes sociais.

O levantamento bibliográfico traz referências à importância da feira livre como objeto de estudo. Alguns autores a analisa como atividade do circuito inferior da economia, bem como, elemento que interfere na configuração socioespacial da cidade. Os conceitos destacados foram correspondentes ao espaço, e ao mesmo tempo constitutivos e operacionais. Foram feitas cinquenta entrevistas com feirantes,

trinta com consumidores, totalizando oitenta entrevistados. O questionário destinado aos feirantes continha vinte e duas perguntas; o dos consumidores, treze. Nestas entrevistas buscou-se identificar perfil e características e sua relação com os conceitos teóricos que deram suporte a esse TCC. Para recuperar um pouco da memória da feira, foram realizadas conversas informais com os moradores mais antigos a fim de compreender o funcionamento das duas feiras livres que ocuparam espaços diferentes no município.

A etnografia foi a técnica utilizada para compor a evolução urbana do município através da imagem visual. Segundo Vedana (2004) para realizar a etnografia na cidade requer um mergulho nos meandros da constituição humana deste espaço, nas diversas camadas de tempo que se sobrepõem na conformação desta paisagem urbana, em que os gestos de ocupação do homem sobre a “paisagem natural” – a partir de sua ação no espaço, conferem à cidade seu caráter dinâmico de vida que pulsa e se transforma.

A pesquisa está assim estruturada: após a introdução, segue o segundo capítulo. *A feira como objeto de estudo*, apresenta-se os diversos estudos acadêmicos que tem o fenômeno feira livre e seus acontecimentos internos como objeto de pesquisa.

O terceiro capítulo. *Os circuitos da economia urbana*, apresenta-se conceitos, as características dos dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos.

O quarto capítulo. *Feira livre de Simões Filho: formação e mobilidade geográfica da feira livre nas particularidades do circuito inferior*, apresenta-se os espaços ocupados pela feira livre, bem como seu funcionamento no espaço atual, as características dos feirante e consumidores e a mudança na configuração urbana. E o último apresenta as considerações finais.

2 A FEIRA LIVRE COMO OBJETO ESTUDO

A feira livre constitui um fenômeno social, econômico, cultural e político presente nas cidades brasileiras e tem sido objeto de investigação por autores de diversos campos acadêmicos: antropologia, geografia, história, sociologia e outros.

Na sociedade medieval, a feira era um dos locais de vida econômica, constituía uma espécie de mercado ambulante que se estabelecia em determinadas localidades em datas fixas, à semelhança das feiras contemporâneas. A diferença fundamental é que nelas os mercadores desenvolviam um verdadeiro escambo (troca de mercadorias por mercadorias). Alguns pesquisadores destacam a feira livre como local de encontro, de fluxos socioeconômicos – normalmente frequentada pela população com baixo poder financeiro, que por meio da feira, busca sua subsistência, tornando-se, portanto, um fenômeno universal da vida em sociedade (CORRÊA, 2001; PORTO, 2005; DANTAS, 2007; ROCHA, 2016).

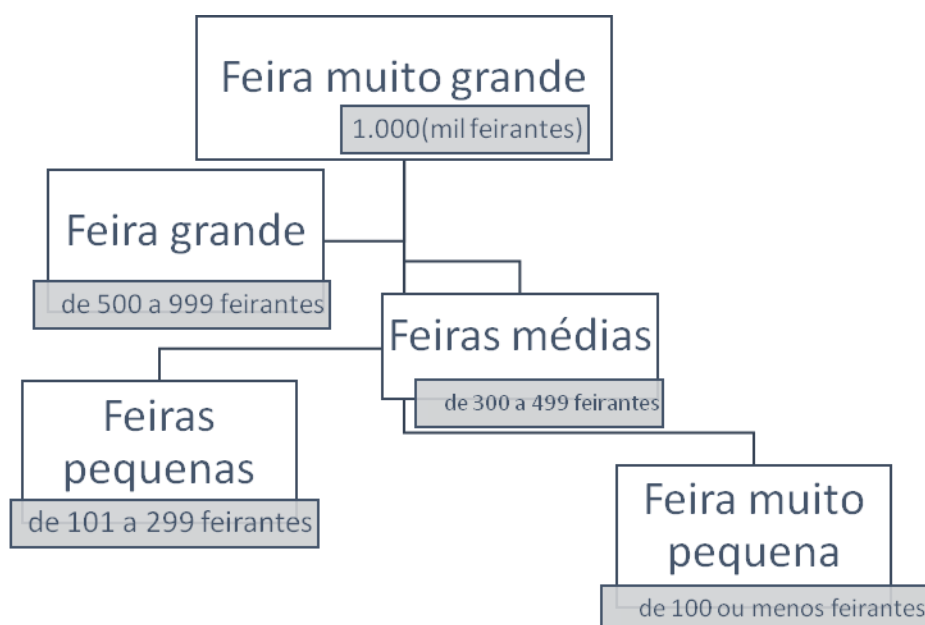
São múltiplas e diferentes as análises e considerações que subsidiam a compreensão e explicação do fenômeno 'feira livre', bem como variados são os métodos que, de alguma forma ajudam neste sentido. Determinadas pesquisas são pontuais e fazem análises descritivas; outras são mais complexas: além de descrever, assumem uma postura analítica e propositiva. Ainda neste sentido, podemos realizar a leitura da feira livre, de um modo geral, em duas perspectivas escalares. A primeira centrada na escala intraurbana, direcionada para a compreensão da dinâmica urbana que a feira livre produz. A segunda perspectiva é o urbano-regional, que procura compreender a feira livre como fenômeno de organização do espaço regional.

Diniz (1987) descreveu o Subsistema Urbano Regional de Aracaju (SE) na construção da análise sobre os fenômenos econômicos, utilizou a teoria dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos para explicar os mercados periódicos e as feiras livres, pois ambos espaços constituem características do circuito inferior. Entre as demais características, o autor destacou as seguintes: facilidade de ingresso no sistema, atividade de pequena dimensão, elevada dependência de intermediários e necessidade de dinheiro líquido. Ressaltou em seguida, o papel da feira como lugar de muitos negócios (vendas de casas, terrenos e rebanhos), de compras e que oferta produtos agrícolas, industrializados e serviços (barbearia, relojoaria, fotografia, oficina mecânica de bicicleta e dentistas práticos). Baseado na ideia de localidade central o autor decreta:

[...] as feiras têm uma pequena função de lazer, sobretudo quando situadas nas zonas rurais ou nas pequenas cidades e desempenham também destacado papel, como “lócus” de informação. Esse papel dá à feira função muito destacada no sistema de cidades, pois a reunião de centenas de comerciantes e de milhares de compradores aumenta sobremaneira a ação regional da localidade central. (DINIZ, 1987, p.230).

Ainda de acordo com o autor, as feiras livres estão presentes em todos os aglomerados urbanos e são classificadas, quanto à localização (urbana ou rural), hierarquia (maior complexidade de produtos e serviços oferecidos por vendedores especializados), periodização (distribuição nos diversos dias da semana) e tamanho (ver gráfico 1).

Gráfico 1 - Tamanho da feira, considerando como indicativo o número de feirantes



Fonte: Elaboração própria, com base em Diniz (1987).

Diniz (1987) concluiu que as 78 feiras livres que compõe o subsistema urbano regional de Aracaju - SE, permite a sobrevivência econômica dos pequenos comerciantes, ao mesmo tempo que melhora a vida nas pequenas cidades que têm comércio insuficiente e que são incapazes de se manterem em funcionamento, devido ao baixo fluxo financeiro. Por fim, afirma que a feira livre possui a capacidade de mudar, completamente, a vida do aglomerado durante o dia de feira, criando um ritmo próprio nas localidades.

Corrêa (2001), trabalhou questões/conceitos fundamentais para a compreensão das redes urbanas: conceito de região, as articulações do espaço urbano, seus diferentes agentes no modo de produção e de organização. Os estudos

do referido autor, constituiu contribuições a respeito da rede de localidades centrais¹ e descreveu e analisou os mercados periódicos como uns dos modos de organização presentes na rede de localidades centrais, especificamente nos países subdesenvolvidos.

Os mercados periódicos são definidos como aqueles núcleos de povoamento, pequeno, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com outra periodicidade. Fora dos períodos de intenso movimento comercial esses núcleos voltam a ser pacatos núcleos rurais, com a maior parte da população engajada em atividades primárias. (CORRÊA, 2001, p.50).

Corrêa (2001) argumentou que os mercados periódicos representam uma forma sincronizada entre o espaço-tempo e as atividades humanas, pois envolve o deslocamento periódico e sincronizado dos agentes de um dado mercado para outro, ou seja, os comerciantes e prestadores de serviços reúnem-se a cada dia em um determinado núcleo de povoamento, para onde migram a clientela de uma área próxima ao núcleo.

Em algumas regiões dos países subdesenvolvidos como o Nordeste brasileiro, o mercado periódico é sinônimo de feira livre, elemento que constitui um dos componentes fundamentais da rede de localidades centrais, pois desempenha múltiplas funcionalidades, enquanto núcleo vital para a manutenção da vida urbana. Assim como Diniz (1987), Corrêa (2001) também aponta as características principais da feira livre. A diferença nesta caracterização, está para o tamanho, enquanto o primeiro autor considera o número de feirantes na classificação se muito grande, grande, média, pequena e muito pequena. Corrêa (2001), relaciona enquanto núcleo urbano, indo de povoados a centro sub-regionais: “Quanto maior for a importância da cidade, em termos de centralidades, maior será a importância absoluta de sua feira, importância determinada segundo o número de participantes e a área de atuação da mesma” (CORRÊA, 2001, p.67).

Corrêa (2001) propôs uma análise sobre rede geográfica² e indicou a dimensão organizacional, temporal e espacial para sistematizar o assunto em questão. Vale

¹ A teoria das localidades centrais foi formulada em 1933 por Walter Christaller. Trata-se de um quadro teórico sobre a diferenciação dos núcleos de povoados, no que se refere à importância que apresentam enquanto lugares de distribuição de produtos industrializados e serviço, ou seja, enquanto localidades centrais.

² As redes geográficas são, como qualquer materialidade social, produtos e condições sociais. Na fase do capitalismo a importância das diversas redes geográficas na vida econômica, social, política e

informar, que a dimensão organizacional se refere à configuração interna da entidade estrutura em rede, abrangendo os agentes sociais, origem, natureza dos fluxos, função, finalidade, formalização e organicidade da rede; a dimensão temporal envolve a duração, velocidade e frequência; a dimensão espacial está intrinsicamente ligada ao lugar.

A ideia de pautar algumas considerações sobre rede geográfica foi na intenção de fornecer esclarecimentos antecipados sobre esta categoria de análise do espaço, pois entre os diversos elementos que promove a configuração de uma rede geográfica, o autor identificou o fenômeno da feira livre que está associada neste estudo como mercado periódico.

A feira constitui-se em um tipo particular de mercado periódico. Tem como agentes comerciantes, produtores rurais, artesãos e consumidores, sendo eminentemente espontânea. Envolve fluxos de mercadorias, pessoas e informações, e, através dela, realiza-se a integração entre áreas rurais, pequenas, médias e grandes cidades [...] é real, material e eminentemente informal, tendendo a ser hierarquizada, na qual há centros com comércio atacadista para os feirantes e centros onde há apenas varejistas-ambulantes [...] a velocidade de seus fluxos é lenta e sua frequência é periódica. (CORRÊA, 2001, p.113).

Em suas análises conclusivas Corrêa (2001), afirmou que a feira livre está em uma relativa sincronia com o espaço-tempo por parte dos participantes, isto é, comerciantes, consumidores, artesão e produtores rurais. Espacialmente atua no âmbito local/regional formando centralidades temporárias e sua estruturação está apoiada na coexistência de dois circuitos da economia urbana, o moderno – o circuito superior – e, o tradicional – o circuito inferior, ambos circuitos que serão apresentados posteriormente.

Vedana (2004) desenvolve um estudo de caráter antropológico, onde utiliza a etnografia para expor as práticas cotidianas em feiras livres de Porto Alegre (RS). A análise tem como ponto de partida as formas de sociabilidades e as performances de fregueses e feirantes.

A autora traz importantes contribuições para o entendimento da feira livre, numa perspectiva que engloba, principalmente, o modo como o ser homem se relaciona com os espaços que o aprisiona e outros espaços que os liberta. Nesta concretude, apresenta a feira livre como mecanismo de ruptura com certas formas de

cultural é enorme e, de um modo ou de outro, todos estamos inseridos em mais de uma rede geográficas e, simultaneamente, excluídos ou ausentes de um número ainda maior de redes.

vida urbana que encarceram o indivíduo em ambientes destinados à prática estreitamente de consumo. Para a referida autora, a feira livre é um ambiente que proporciona a sociabilidade entre os agentes sociais.

Ambiência de mercados e feiras como um espaço privilegiado de trocas e sociabilidades no contexto do espaço, tendo em vista o trânsito que é permitido entre o público e o privado, ou seja, entre as relações diretas com os feirantes e vendedores ou o simples caminhar por entre os corredores do mercado, apreciando as estéticas das formas de estar no mundo. (VEDANA, 2004, p.173)

No decorrer da leitura da respectiva pesquisa, a feira livre foi descrita como cenário constante no espaço urbano, que possui uma sonoridade distinta e que carrega a expressão corporal e linguística dos feirantes e frequentadores: “existente uma linguagem das ruas que se manifesta nos ruídos e nas falas dos passantes e que produz uma poética da cidade”. (VEDANA, 2004, p. 60; apud, SANTOS, 1998). Com o intenso fluxo de pessoas, informações e mercadorias, o espaço social da feira livre possui uma dinâmica específica que configura impressões diversas no contexto do espaço urbano. Para Vedana (2004)

A imagem da cidade “como um grande estomago em constante digestão” parecia fervilhar a partir das formas múltiplas que são mobilizadas para a aquisição de alimentos que chegam até ela de diversas partes do mundo, evocando assim a “estética da desordem”[...] que a ambiência da feira traz à tona, colocando em destaque os gestos de ocupação humana do espaço que incidem sobre a manipulação da feira. (VEDANA, 2004, p.211)

Vedana (2004) nas suas considerações finais apontou os seguintes aspectos:

- I - a particularidade destas trocas sociais no meio urbano remeteu-se nas camadas de tempo que evocam em relação a constituição da cidade e os arranjos sociais;
- II - a importância destes lugares de mercado e de trocas para o início de uma formação urbana;
- III - a existência destes mercados de rua na cidade colocam-se como fundamentais para uma análise das formas de habitar e construir a vida urbana, nas suas diversidades e heterogeneidade;
- IV - opção pela feira livre como lugar de compra, nos encontros que acontecem neste espaço, nas interações entre fregueses e feirantes pautadas nas performances e jocosidades que as caracterizam.

A autora afirmou que a feira livre consiste em um “fenômeno urbano como um fato social total, pois encerra aspectos culturais, políticos, estéticos, sociais, históricos, uma gama de fatores que o constituem como um fenômeno importante a ser estudado no meio urbano” (VEDANA, 2004, p.228).

A configuração espacial e a produção das principais feiras livres dos municípios de Maiquinique, Macarani, Itarantim, Itororó e Itapetinga e são discutidas por Porto (2005), numa perspectiva urbano-regional. Parte do entendimento de que as mesmas, em seu funcionamento e sua configuração espacial, dão-se num contexto no qual organização do espaço regional é uma resposta local ao desenvolvimento do modo de produção capitalista. Na construção desta pesquisa, o autor buscou compreender as singularidades geográficas de cada uma das feiras e o movimento que é característico em sua organização e dinâmica. Além disso, refere-se às “feiras livres como práticas tão antigas quanto o processo de formação das sociedades, que de forma lenta ou não, acompanham as transformações ocorridas na produção e distribuição dos produtos, no campo e na cidade” (PORTO, 2005, p.26).

Antes das feiras serem analisadas, o autor pontuou aspectos históricos econômicos, populacionais e sociais dos referidos municípios, com o objetivo de oferecer um panorama das realidades em que as feiras livres se desenvolveram. Ressaltou também, os processos ligados ao seu conteúdo e aos sentimentos, sentidos e intenções dos agentes envolvidos em sua produção.

Porto (2005), com base nos seus levantamentos, afirmou que as cinco feiras estão localizadas nas proximidades do local onde surgiram as primeiras construções, contribuindo para a formação de áreas centrais. Vale ressaltar, que esta localização privilegia os agentes sociais que habitam nas proximidades, o que acarreta em deslocamentos mais demorados por partes dos moradores da zona rural. Para o autor “a população da zona rural visita as feiras das sedes de seus respectivos municípios pela proximidade geográfica relativa entre suas moradias e a sede municipal” (PORTO, 2005, p.139).

Porto (2005) em suas considerações finais, afirmou que a feira livre apresenta a maioria das características do circuito inferior da economia, dentre as quais se destacam: o modo simples que se dá à venda do produto; o baixo investimento em capital, no financiamento dos pontos de venda; a presença considerável de familiares trabalhando na atividade; baixo estoque de produtos para a comercialização, dentre outros. Pontuou também, que durante a análise das informações obtidas, algumas das características do mesmo circuito, não foram identificadas nas feiras livres estudadas e aponta como exemplos: a venda á credito; a predominância de mulheres no desenvolvimento da atividade comercial; a presença de vários intermediários entre o produtor e o consumidor, dentre outras. A partir destas observações, o autor reforça

a importância da retomada e revisão da teoria, no intuito de explicar melhor os fenômenos na atualidade, “cuja a produção se dá no seio de uma sociedade que se transforma cada vez mais rápido” (PORTO, 2005, p.153).

Dantas (2007) ao analisar a evolução do comércio de Macaíba, fez o regaste histórico desta feira, observando os fatores responsáveis pelo seu desenvolvimento, bem como, sua importância para a produção socioespacial da cidade. Também, nesta pesquisa a feira é apresentada como um fenômeno primitivo e espontâneo a ponto de muitas cidades terem suas origens relacionadas estreitamente com as feiras.

Ao mesmo tempo em que as feiras se constituem como uma cristalização no espaço podemos considera-las, também, como um lócus de resistência frente ao surgimento das modernas formas de comércio e de consumo (notadamente dos supermercados) e à difusão de outros vetores modernizantes da globalização [...] como instituição econômica e social, podemos considera-las como centros populares destinados ao abastecimento da população local. São também, o lugar onde se dá um grande número de atividades paralelas, o lugar de encontros e reencontros, das conversas, das manifestações populares, da sociabilidade em todas as suas dimensões, e um espaço onde as pessoas realizam diversas estratégias de sobrevivência e o local onde o capital comercial exerce domínio. (DANTAS, 2007, p.18)

Os desafios apresentados pelo autor, perpassa pela tentativa de compreender como a dinâmica e as transformações pelas quais vem passando as formas tradicionais de comércio, a exemplo das feiras, se mantém forte e resistentes no contexto da recente expressão do setor de comércio e de serviços. Como alternativa, propõe entender como estas formas se inserem ante a difusão de um meio técnico-científico-informacional e compreender os fatores que modificaram a dinâmica socioespacial de feira de Macaíba.

O autor chegou às seguintes conclusões: As modificações ocorridas na dinâmica da feira de Macaíba, sofreram fortes influências do circuito superior da economia, determinadas pela inserção de supermercados (uma nova forma de comércio e de consumo na cidade); pela participação do Estado no fortalecimento de importantes redes de comercialização, como Ceasa e empresas de distribuição atacadista e pelo surgimento de redes, inclusive de frigoríficos, todas influenciadas e impulsionadas pelo desenvolvimento das tecnologias informacionais e da modernização e ampliação dos meios de transporte.

Com base nas análises conclusivas de Dantas (2007), entende-se que a feira livre está inserida no circuito inferior da economia e mantém acentuadas diferenças

quando comparada com as características do circuito superior, já que a mesma sofre forte modificações, provocadas pelo poder político-econômico.

Rocha (2010), produziu um artigo, cujo o objetivo foi traçar o perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da Feira do Produtor de Passo Fundo, (RS). O autor procurou caracterizar alguns aspectos socioeconômicos dos produtores, como idade, tamanho familiar, renda familiar, renda per capita, grau de escolaridade, idade e valor gasto pelos consumidores. A renda per capita foi calculada dividindo-se a renda familiar informada pelo produtor pelo número de membros da família. Durante o levantamento das informações para a construção da sua pesquisa constatou-se que:

A Feira de Passo Fundo opera com um número excessivo de feirantes dentro de um mesmo ambiente, oferecendo restrita diversidade de produtos aos consumidores. O resultado dessa relação é uma reduzida escala de negócios, associada a práticas comerciais muitas vezes inadequadas, resultando em elevação de custos e diminuição de eficiência. (ROCHA, 2010, p.1)

O artigo mostra uma análise quantitativa, neste sentido, conclui que as feiras representam importante papel econômico tanto para produtores como para consumidores. Para os consumidores a oportunidade está em adquirir alimentos com preço baixo e com qualidade.

Numa perspectiva sociológica, Souza (2010) teve como objeto empírico a feira livre de São Joaquim e objetivou compreender

Como se caracteriza a permanência da Feira no sentido de um espaço comercial, locus de provisão local e regional, tradicional, ante mudanças na rede geral de abastecimento na cidade de Salvador e nos hábitos comerciais, bem como enquanto herdeira simbólica e material das feiras do Sete e de Água de Meninos, refletindo as transformações na rede comercial aninhada ao Recôncavo da Bahia de outrora. (SOUZA, 2010. p. 9)

O autor traz muitas contribuições, apontando na sua pesquisa um denso referencial teórico sobre o fenômeno feira livre e apresentando de modo articulado as teorias e a realidade empírica. Ainda sobre este estudo, a feira livre de São Joaquim é caracterizada como “matriz de todas as outras feiras-livres da cidade, promovendo o abastecimento de grande parte do mercado informal de Salvador” (SOUZA, 2010. p.9). Esta afirmação evidencia que em outros núcleos da cidade, existem diversos pontos de comercialização, o que facilita o escoamento da produção e faz com que a maior parte da população tenha contato com esta modalidade de comércio.

Em síntese, a feira livre na análise sociológica proposta por Souza (2010) é uma situação em que há mistura entre troca econômica, comercial, reciprocidade e dádiva.

Num mundo massificado, racionalizado, padronizado, as feiras-livres oportunizam sociabilidades, reacendendo o caráter ritual, cerimonial da vida.

Santos (2013) refletiu sobre feira livre, enfocando sua importância na contemporaneidade, enfatizando a (re)apropriação do território por parte dos sujeitos feirantes no processo de realização dessa atividade. Em seu artigo denominado "*Feiras livres: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional*", o território é o elemento central da análise, no sentido de que as práticas socioespaciais verificadas nessa atividade tendem a projetar sobre o espaço relações de poder, definidoras de (re)apropriação territorial mediante seus sujeitos socioespaciais e suas atividades comerciais. Diante dos estudos aqui apresentados sobre o fenômeno feira livre, este artigo propõe uma investigação diferenciada, o que faz o autor questionar a teoria dos dois circuitos da economia urbana como possibilidade de leitura da feira livre.

Vale ressaltar que não se quer aqui adjetivar as feiras livres de atividades não modernas, uma vez que as mesmas são (re)apropriadas pelas dinâmicas do capital ao longo do tempo e transformadas por este. Nem tão pouco afirmar que toda feira livre é produto do circuito inferior da economia urbana, haja vista diversas feiras livres no Brasil terem sido, ao longo do tempo, se transformado em atrativos turísticos, vendendo produtos diferenciados dos que até então comercializavam e com a presença de consumidores e dinâmica de altos rendimentos. Veja, por exemplo, a Feira de Caruaru (PE), a Feira do Ver-o-Peso, localizadas às margens da Baía do Guajará, em Belém (PA), dentre outras. (SANTOS, 2013. p.40)

Santos (2013) analisa que expansão e consolidação do período e meio técnico-científico-informacional que configura os circuitos da economia urbana, permitindo ao circuito inferior uma capacidade de se tornar o abrigo e proteção de grande massa da população citadina que não acessa o circuito superior, contribuindo com que a atividade feira livre, a exemplo da Feira da Pedra se tornasse um espaço propício à manutenção da vida de muitos agentes socioespaciais no respectivo período.

Santos (2013) por fim, conclui que é inegável não perceber a partir da Feira da Pedra, que a atividade feira livre carregue em sua realização mecanismo de controle do território. Os feirantes se organizam em quanto grupos socioespaciais, tornando-se sujeitos que (re)produzem o espaço urbano. "Fazendo isso através da apropriação de determinados fragmentos do espaço público citadino periodicamente, o que na perspectiva territorial é rico de relações geopolíticas, travadas entre feirantes e poder público municipal" (SANTOS, 2013, p.53).

Dantas e Ferreira (2013) tiveram como objetivo geral de pesquisa, entender como os atores sociais, que desenvolvem atividades comerciais na feira livre, adquirem e transmitem um tipo de saber aplicado à cura dos males do corpo e da alma, dentro do que se entende como medicina popular. No plano específico, procuraram identificar os riscos que se impõem aos/às erveiros (as) da Feira do Ver-o-Peso, precipuamente no que se refere aos interesses econômicos de exploração dos conhecimentos tradicionais, sem levar em consideração a repartição dos benefícios. Os autores partiram do pressuposto de que os atores que ocupam papel central no processo de produção, processamento, armazenamento, recuperação e uso da informação, os(as) erveiros(as) da Feira do Ver-o-Peso, são entendidos como fontes pessoais específicas de informação. Para os autores,

As análises precisam ser amplas, envolvendo diferentes pontos de vista, seja do mercado, da academia, do Poder público e dos detentores, a fim de se chegar a um resultado satisfatório que contemple os interesses econômicos, a repartição dos benefícios e a valorização dos grupos e/ou dos indivíduos possuidores de conhecimentos tradicionais. Com efeito, protegê-los implica assegurar o direito de que esses sujeitos possam transmiti-los aos seus sucessores sem qualquer impedimento imposto pelo mercado na esfera das patentes, tal como objetiva a indústria farmacêutica e de cosméticos em relação às populações tradicionais de países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. (DANTAS E FERREIRA, 2013, p.122)

Dantas e Ferreira (2013) concluem que a literatura e a realidade observada na Feira do Ver-o-Peso estão a revelar, a problemática dos conhecimentos tradicionais e que ambos impõem desafios à academia, ao Estado, ao mercado e aos próprios detentores desse saber. Sendo assim, tanto o Direito, a Antropologia, a Sociologia como outras áreas podem contribuir com estudos e análises sobre essa realidade como, também, a própria Ciência da Informação, precisamente por tomar como objeto de estudo a matéria-prima que estrutura as diferentes modalidades de conhecimento. Ainda com base nas considerações finais, os autores reforçam a importância de compreender os mecanismos pelos quais a informação é percebida e trabalhada na vida cotidiana dos detentores de conhecimentos tradicionais - como os (as) erveiros (as) da Feira do Ver-o-Peso. Deste modo, se faz necessário o fornecimento de subsídios para se pensar em estratégias de preservação e de proteção desses saberes, transmitidos geração após geração.

Através do materialismo-histórico-dialético e da abordagem dos circuitos da economia nos países subdesenvolvidos, Rocha (2016) analisa o processo de territorialidade da feira, a partir de sua espacialidade com o Circuito Inferior e seus

fluxos socioespaciais e aponta suas contradições e particularidades. A autora revela a feira sob a perspectiva geográfica, utilizando, porém, outras ciências, como a antropologia e história, para explicar a origem da feira e seus processos de apropriação do espaço urbano.

As questões levantadas pela a autora, fornecem elementos para a reflexão sobre os fluxos socioespaciais e a importância da feira livre para o local que a mesma se materializa, através do papel dos feirantes. Nota-se que a autora, ressaltou a heterogeneidade dos espaços e as técnicas neles envolvidas, como ponto fundamental para a sua análise. Como conclusão, mostra uma série de observações referentes ao seu objeto empírico e diante das variáveis, afirma que a territorialização e a espacialização da feira são espontâneas, cheias de conflitos visíveis e não visíveis; seus agentes sociais criam novas formas de produção e organização do espaço, contribuindo para que os circuitos e fluxos socioespaciais estejam sempre se renovando (ROCHA, 2016).

Todos esses estudos, aqui referenciados e que tomaram a feira livre como objeto de estudo, reforçam a atualidade do fenômeno e apontam que são múltiplas as possibilidades de aborda-la. Na esfera deste trabalho, a feira livre é analisada principalmente, enquanto espaço econômico, inserida no circuito inferior da economia. Para, além disso, enfatizam-se trocas sociais, consumo e abastecimento no âmbito da dinâmica urbana de Simões Filho. De algum modo às diversas relações e interações que compõe a dinâmica urbana, na qual o ato de ir à feira, seja como comerciante ou consumidor das relações ali estabelecidas, pode contribuir para o fortalecimento dos modos de vida presentes na sociedade.

3 A TEORIA DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

A obra do autor Milton Santos, *O espaço dividido*, originalmente publicada em 1970, constitui um esforço singular de interpretação sistemática e interdisciplinar na evolução econômica, social, política e ao mesmo tempo geográfica dos países do terceiro mundo. O objetivo era propor uma nova teoria – a teoria dos dois circuitos da economia urbana – com base na qual o fenômeno da urbanização e a organização do espaço urbano seriam analisados segundo um novo enfoque que levaria à modificação na prática do planejamento regional e urbano. Constituía também, em analisar o impacto da modernização tecnológica sobre os espaços dos países subdesenvolvidos, considerando como fundamental a base econômica e política (Santos, 2008).

Com base nesta teoria, feira livre é analisada como atividade econômica que possui as características presente no Circuito Inferior da Economia Urbana e neste sentido, este capítulo é desenvolvido afim demonstrar também o Circuito Superior, os conceitos, as particularidade e semelhanças entre ambos, visto que, são circuitos que surgiram da mesma modernização tecnológica, no entanto, desenvolveram resultados diferentes. Para, Santos (2008) os dois circuitos,

Consiste nas atividades criadas em função dos progressos tecnológicos e das pessoas que se beneficiam deles. O outro é igualmente um resultado da mesma modernização, mas um resultado indireto, que se dirige aos indivíduos que se beneficiam parcialmente ou não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades a eles ligadas. (SANTOS, 2008, p.38)

Neste sentido, progresso tecnológico pode ser analisado como processo de continuidade da revolução industrial, que impacta, diretamente, na reprodução social no espaço urbano, já que o maior quantitativo de pessoas não se beneficia com avanço da tecnologia.

A modernização tecnológica, também provoca mudanças nas estruturas internas das cidades, através dos investimentos voltados para a reestruturação urbana, que são concentrados em espaços já servidos de infraestrutura, bens e serviços. Com isso, reforça a dependência entre cidades de nível inferior em relação ao nível superior.

O fenômeno da modernização tecnológica cria estruturas novas que se impõem as estruturas preexistentes nas cidades, provocando sua modificação ao contato com novas realidades. [...] a modernização tecnológica cria de um só golpe as duas formas integradas de organização econômica urbana. (SANTOS, 2008, p.38)

Os espaços são heterogêneos, diferenciando-se de acordo com a densidade técnica e informacional desenvolvidas no decorrer do tempo, inferindo na paisagem urbana, de modo que, permite novos significados, formando novas territorialidades que desempenham diferentes funções. Em ambos os circuitos da economia urbana, as transformações provocadas por eles, não são refletidas de imediato, é um intenso processo que envolve relações econômicas e políticas.

Cada circuito possui elementos, forma de organização e procedimentos diferenciados. Circuito Superior é influente e modernizador, enquanto o Circuito Inferior é dependente, produto da modernização. As atividades que os distingue “ não afeta em nada a definição, visto que o comportamento de cada uma das atividades é em qualquer caso correlativo do conjunto das características de cada circuito” (SANTOS, 2008, p.41). O quadro 1 mostra a sistematização das características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, apontando as diferenças existentes entre eles.

Quadro 1 - Características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos

CARACTERÍSTICAS	CIRCUITO SUPERIOR	CIRCUITO INFERIOR
Tecnologia	Capital intensivo	Trabalho intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não obrigatório
Estoques	Grande quantidade e/ ou alta qualidade	Pequena quantidade, qualidade inferior
Preços	Fixo (em geral)	Submetidos à discussão entre comprador e vendedor (haggling)
Crédito	Bancário institucional	Pessoal não institucional
Margem de lucro	Reduzida o por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócio.
Relações com a clientela	Impessoais e ou com papéis	Diretas, personalizadas
Custos fixos	Importantes	Desprezível
Preços	Necessárias	Nula

Reutilização dos bens	Nula	Frequente
Overhead capital	Indispensável	Dispensável
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula

Fonte: Santos (2008).

Vale ressaltar, que as atividades caracterizadas nos dois circuitos da economia não estão presentes em todas as cidades dos países subdesenvolvidos, assim, como também, nem todas as características estão inseridas no circuito da feira livre. Pois existe diferentes níveis de hierarquização, tanto na dinâmica interna da produção dos espaços urbanos, na distribuição dos equipamentos públicos e privados, quanto na infraestrutura e população.

A atuação do circuito superior provoca discrepância socioeconômicas bem delimitada numa mesma cidade, por conta do alto investimento concentrado, que a segregação urbana se torna perceptível ao ponto de uma cidade ser transformada em duas, com o índice de desenvolvimento humano distinto em relação ao mesmo espaço geográfico. Esta análise condiz com a afirmação que Santos (2008) denomina: o espaço dividido.

Desse modo, considerando as diferenças existente entre os dois circuitos, os países subdesenvolvidos têm sua configuração espacial culminada de maneira enfatizante pela difusão da informação e do consumo. Neste sentido, o poder governamental também contribui para a geração de processos que possibilitam na dispersão e na concentração de bens e serviços, por garantir e facilitar acesso ao investimento para o poder hegemônico, enquanto que para os pequenos produtores ajuda é inexistente ou nula.

O quadro 2 descreve algumas das características apresentadas no quadro anterior. Ressalta-se que neste quadro compreende as descrições definidas pelo autor e que deste modo, simplista, o leitor entenderá a relação econômica entre os dois circuitos.

Quadro 2 - Descrição das características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos

Descrição	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Importada e de alto nível	Frequentemente local ou localmente adaptada ou recriada
Crédito	Acontece das grandes firmas criarem e controlarem os bancos e as atividades, afim de absorvê-las	A porcentagem de crédito é pessoal e direto, indispensável para o trabalho das pessoas sem possibilidade de acumular o capital.
Capitais	Comumente volumoso, relacionados com a tecnologia utilizada	Utilizam capitais reduzidos e podem dispensar uma organização burocrática
Emprego	Atividades modernas(assalariado, empregam poucos); Serviços(empregam muito, porém com participação do governo); Serviços Privados(emprega estrangeiros e se concentra em cidades desenvolvidas)	Raramente é permanente; remuneração limita ou abaixo do salário mínimo; o contrato é um acordo pessoal entre patrão e empregado
Preços	O preço não pode estar abaixo do mercado; a margem de lucro é contabilizado á longo prazo; o lucro elevado corresponde ao volume da produção.	Acumulação do capital não corresponde a primeira necessidade; trata-se de sobreviver e assegurar a vida da família; A margem do lucro é proveniente do elevado preço por unidade
Publicidade	Um das armas utilizadas para modificar os gostos	Não necessária, graças ao contatos direto com a clientela
Custos fixos	Importante que em geral, aumentam com o porte da firma para cada lugar e ramo de fabricação.	Não tem custos fixos. Os custos diretos também não são importantes, e a relação entre custos diretos e a produção é proporcional, pois a atividade é "trabalho intensivo"
Ajuda governamental	Usufruem direta ou indiretamente	Não dispõem desse apoio e frequentemente são mesmo perseguidas, como no caso dos vendedores ambulantes

Fonte: Elaboração própria com base em Santos (2008)

Estas distinções são fundamentais, do ponto econômico, pois se é verdade que os dois circuitos da economia urbana, são vinculados à produção e inovação

tecnológica, eles devem ser analisados dentro da esfera onde produzem seus efeitos, ou seja, no espaço urbano.

3.1 O CIRCUITO SUPERIOR

A perspectiva de análise do circuito superior refere-se ao direito de compreender como os seus elementos são distribuídos e correlacionados no espaço urbano, visto que, o referido circuito, detém o poder no direcionamento da distribuição das tecnologias. Seria inteligível verificar se há processos contraditórios na espacialização dos seus elementos, num entendimento direcionados às expectativas de desigualdades socioespaciais, o que, em parte, proporcionaria uma riqueza teórica e empírica para esta pesquisa. No entanto, essa possibilidade pode ser inferida em outra ocasião e nos limitaremos as informações desenvolvidas, por Milton Santo.

O comércio varejista moderno está representado no circuito superior, através de supermercados, hipermercados, lojas especializadas e de modas, que englobam diversos produtos e absorvem um número expressivo de consumidores, em decorrência da possibilidade de pagamento em dinheiro líquido ou cartões de créditos. Este elemento, normalmente, depende do fornecimento (produtos advindos da importação ou da produção nacional) e de intermediários (que funcionam como ponto de ligação entre a indústria fornecedora e o comerciante, no entanto, a depender do nível de industrialização, esta negociação pode ser realizada através do circuito bancário e não haver mais necessidade de um intercessor).

Por conseguinte, a indústria apresenta funcionalidades no processo de abastecimento interno e no desenvolvimento da atividade de exportação. Sendo que cada indústria tem uma produção específica, voltada para o consumo doméstico, a exportação tradicional, a transformação e a produção manufatureira. De um modo geral, a indústria é responsável pela renovação dos produtos que fabrica e dependente em matéria de equipamentos e matérias primas fabricados por outros segmentos industriais, diante disso, existe uma relação de pendência.

Nos países subdesenvolvidos, o comércio e a indústria de exportação são destinados a suprir as necessidades dos países industriais, com a exportação de produtos agrícolas que sofreram a primeira transformação ou de matérias primas. Com o avanço das práticas industriais e com o intenso processo de urbanização, a cultura de subsistência tornou-se secundária a que impulsionou a importação de produtos alimentares. “O comércio de exportação e a indústria de exportação são uma

fonte de extração do excedente dos países subdesenvolvidos, particularmente em detrimento dos produtores e principalmente em benefício das firmas multinacionais”. (SANTOS, 2008, p.94)

As indústrias modernas de exportação, no período que compreende os anos de 1899 e 1959, forneceram máquinas e equipamentos para os países subdesenvolvidos (semi-industrializados) em decorrência deste fato, foram instaladas as primeiras fábricas têxteis fora dos países desenvolvidos e, por consequência, os países subdesenvolvidos passaram a desempenhar a função de exportador de produtos têxteis.

Para Santos (2008), o período tecnológico é dividido em dois segmentos históricos – o primeiro é representado pela internalização da divisão internacional do trabalho, ou seja, os países desenvolvidos transferiram uma parte do aparelho produtivo industrial para os países subdesenvolvidos; e o segundo é marcado pela necessidade de escoar o que era produzido. Entende-se que a produção industrial se fazia presente tanto nos países desenvolvidos quanto nos subdesenvolvidos, logo a necessidade simultânea de importar e de exportar vinham de ambos os lados.

O circuito superior caracteriza-se principalmente pela presença dos agentes financeiros e dos agentes hegemônicos, ambos, atuam em cidades desenvolvidas. No caso brasileiro, uns dos municípios, que possui importantes instituições bancárias é a cidade de São Paulo, estando presentes: a BV Financeira do Banco Votorantim, CitiFinancial do Citigroup, Finasa do Bradesco, Fininvest do Unibanco, Ibi da COFRA Holding AG e Redevco, Losango do HSBC, Panamericano do Grupo Silvio Santos e Taií do Itaú (SANTOS, 2007).

Os bancos financiam indiretamente as atividades agrícolas, particularmente aquelas cujos laços com o exterior são dominantes, como a agricultura de exportação [...]concedem créditos aos exportadores de produtos que sofreram uma primeira transformação [...] prefere financiar as atividades de comércio que lhe proporcionam, num prazo mais curto, com uma rotatividade do capital mais rápida e, por conseguinte, lucros maiores e risco menores. (SANTOS, 2008, p.107)

O poder técnico da grande empresa, alicerçado em novos conteúdos informáticos e de automação, como caixas eletrônicos, cartões e acesso em tempo real aos bancos de dados, completa-se com o poder político, determinado pela acumulação sem relação direta com o tamanho do mercado, pela excessiva financeirização e pela publicidade que mantém o desvio entre custos e preços, permitindo o aumento dos lucros. (SILVEIRA, 2009, p.66)

Silveira (2013) afirma que os investimentos centralizados provocam uma nova ordem espacial, instaurando processos técnicos e políticos derivados que contribuem para mudar as feições dos espaços nacionais e das cidades. Para a autora,

O sistema técnico que caracteriza a globalização tem permitido ocupar áreas novas para a produção e centralizar, ainda mais, os comandos políticos num pequeno número de pontos no território. O circuito superior aumenta seu controle sobre o território nacional, privilegiando áreas aptas para seus interesses, enquanto se distancia das atividades banais da cidade. (SILVEIRA, 2013, P.66)

Para Silveira (2013) as tarefas quando são vinculadas à técnica, propaganda e marketing, administração e logística, exportação, informação estratégica e finanças tornam-se basilares e, em decorrência, o circuito superior se robustece, ainda que de modo seletivo, nas grandes cidades e em algumas cidades médias. Atividades modernas demandam por mais atividades específicas, modernas e novas relações se estabelecem entre as cidades fazendo dialogar entre si tais patamares da economia superior.

3.2 O CIRCUITO INFERIOR

Atividades comerciais, serviços modernos, indústrias, bancárias e financeiras, frequentemente designados para a exportação, formam o circuito superior. A partir dele, identifica-se uma economia periférica, constituída por atividades de fabricação, comércio e serviço cujo grau de capitalização, organização e tecnologia é preponderantemente baixo, ou seja, circuito inferior da economia. (Santos, 2008).

O circuito inferior nasce e se desenvolve em função das demandas criadas pela economia hegemônica, modelo econômico responsável pelo desequilíbrio na distribuição de renda e que impede o desenvolvimento do mercado interno para produtos modernos. Assim, as pequenas atividades, tais como, produção manufatureira, comércio e serviços de toda espécie, sobrevivem por meio da criação de oportunidades de trabalho com baixa rentabilidade, ao mesmo tempo, consome bens e serviços de menor valor agregado. “Portanto eis um mundo bem original, onde, na marcha dos negócios, o endividamento substitui a poupança, onde não se pode falar de desemprego sem deformar a realidade” (SANTOS, 2008, p.198).

Os três setores da economia – primário, secundário e o terciário estão presentes no circuito inferior da economia, ainda que seja com intensidades diferentes e respondam de modos distintos ao processo de urbanização, contudo, esta

configuração econômica torna a teoria complexa. Diferentemente do circuito superior que tem sua base econômica advinda da transformação tecnológica e industrial, o circuito inferior é resultado de uma situação dinâmica que engloba atividades dos três setores da economia, tais como: pequenos produtores rurais, atividades de transformação (produtos de bens manufaturados, produção manual ou mecânica) e pequenas transportadoras, etc. Para sintetizar o funcionamento do circuito inferior apresenta-se o quadro 3 contendo os elementos e a descrição de suas características.

Quadro 3 – Descrição do funcionamento do circuito inferior da economia urbana dos países subdesenvolvidos

Circuito Inferior da Economia	
Funcionamento	Descrição
Facilidade de Entrada	O trabalho é mais necessário que o capital; mão-de-obra barata; não precisa ter frequentado escola ou qualificação profissional; não exige regulamentação formal.
Uma Atividade de pequena dimensão	Caracteriza-se em pequenas indústrias, artesanato ou serviços. Tanto a mão-de-obra, o capital, os estoques são reduzidos. As pequenas atividades têm necessidade de pouco espaço e podem ser até alojadas nas casas dos agentes
A dependência dos intermediários	Age como um elo entre a demanda e a oferta, o que lhe dá um papel privilegiado e uma posição estratégica no abastecimento, que pode interferir na especulação dos preços.
Os mecanismos financeiros	Crédito: única possibilidade de ingressar, de se manter em atividade e de ter acesso ao consumo. Intermediário: têm a função de fornecer o crédito aos comerciantes e artesão, mais frequentemente em mercadorias e dinheiro. Dinheiro Líquido: representa pagamentos, indispensáveis ao consumidor final e aos agentes.
A necessidade de dinheiro líquido	funciona como primeiro pagamento para obter o crédito e depois como prestação para conserva-lo, permitindo que um grande número de pessoas possa consumir.
Do crédito ao endividamento	O crédito tem principalmente a forma de mercadorias com uma taxa de juros consideravelmente elevada, prazo para pagamento curto. O que provoca o endividamento dos agentes comerciais
As margens do lucro	Variam de acordo com o tipo e a proveniência do produto, o porte do comércio, a rotação do estoque e o número de intermediários envolvidos na comercialização das mercadorias.

O mecanismo dos Preços	Depende das condições em que o comerciante é abastecido, da demanda e da oferta, da possibilidade de o produto ser estocado e da capacidade de estocagem do vendedor e da relação entre o vendedor e comprador.
------------------------	---

Fonte: Elaboração própria com base em Santos (2008).

A articulação destes elementos tende a provocar dinamização do circuito inferior da economia, pois são comunicantes entre si. É um movimento de incorporação de variáveis tradicionais que definem forças produtivas, modificam a relação de trabalho e contribui na produção do espaço urbano. Neste sentido, a cidade pode ser entendida, como um espaço articulado e fragmentado, sujeita a interferência de mecanismo econômicos que constitui a base socioespacial sobre a qual assenta uma determinada quantidade de emprego, uma massa salarial que acelera o consumo, bem como, um determinado ritmo de atividades que influencia o movimento dos agentes, produtos, mercadorias, dinheiro e informação, logo uma determinada estrutura de ordens e de sistema hegemônico fundamentado nos aspectos econômicos e políticos.

Silveira (2013) entende que o circuito inferior se desenvolve onde o meio construído está mais degradado, pode oferecer produtos mais simples, essenciais ou supérfluos, criativos ou imitativos, a uma população que não tem acesso aos produtos da economia superior. Isso induz o reaproveitamento do material utilizado para o desenvolvimento de atividade e manutenção das necessidades básicas.

A transformação de materiais ou a reutilização dos mesmos é característica do circuito inferior. Normalmente, são reutilizadas sacolas plásticas para o transporte e embalagem das mercadorias, garrafas pet são utilizadas majoritariamente para artesanato, no caso específico das latas de refrigerantes, cervejas e papelão, assumem um duplo papel neste circuito, a geração de subemprego representado pela atividade de coleta por parte dos catadores de lixo e material recolhido serve como matéria-prima para indústria. Santos afirma que “a capacidade de recuperação é uma das maiores características das economias pobres, em oposição ao desperdício das economias ricas e modernas” (SANTOS, 2008, p. 199).

Além desta capacidade de recuperação que representa um aspecto positivo no circuito inferior da economia, o quadro a seguir, mostra as forças e as fraquezas do mesmo circuito, duas variáveis coerentes, cuja base é preponderantemente econômica.

Quadro 4 – Relativização da força e da fraqueza do circuito inferior da economia

Circuito Inferior da Economia		
Força	Extrema divisão de trabalho	Estimula a utilização produtiva do capital. A frequência das trocas aumenta a rapidez das transações, multiplica a formação dos lucros e acelera a circulação da moeda.
	Francionamento e a descontinuidade	Criam uma multiplicidade de serviços de contato e de articulação, assim como toda uma cadeia de outras atividades.
	Pulverização das empresas	Favorece a criação de outros ofícios: os alfaiates permitem a proliferação de armarinhos; empresas de construção dá trabalho a marceneiros, carpinteiros e ferreiros.
	Flexibilidade e Adaptação á conjuntura	Permite aos empresários seguir com mais flexibilidade as variações quantitativas e qualitativas da demanda e, assim, melhorar os rendimentos marginais.
	Mobilidade no mercado de trabalho	A falta de especialização para um grande número de atividades faz com que os indivíduos passem sem dificuldade de uma ocupação a outra.
	Consumo de produtos modernos	Faz nascer uma série de novas atividades como oficina de mecânica e de reparos.
	Produtividade do subsistema	Considera-se com ponto forte pois a produtividade é verificada através da relação entre o numero de unidades de uma qualidade determinada, produzida ou vendida, e a soma dos meios técnicos, financeiros e humanos utilizados para produzi-las ou vendê-las.
Fraqueza	Flexibilidade e Adaptação á conjuntura	Permite ao desaparecimento das atividades de fabricação.
	Inadimplência	O comerciante torna-se incapaz de renovar seu estoque por falta de dinheiro liquido, que acarreta no atraso do pagamento das letras provocando no aumento das taxas de juros e isso torna o negócio inviável.
	Consumo de produtos modernos	As atividades de mecânica e de reparos podem chegar um limite intransponível: falta de crédito bancário, falta de integração a um circuito comercial.

Fonte: Elaboração própria com base em Santos (2008).

Assim como Santos (2008) relativizou as forças e as fraquezas do circuito inferior, Corrêa (2001) de modo diferente, porém com a mesma ideia de qualificar a intensidade que determinados processos interferem no contexto urbano, procurou

articular os estudos sobre localidades centrais com os elementos que caracteriza o circuito inferior da economia a partir das atividades desenvolvidas nos mercados periódicos (feira-livre). Para este autor, a importância dos mercados periódicos está relacionada com dois raios de alcance espacial: o máximo e o mínimo. O primeiro “define a área determinada por um raio a partir de uma dada localidade central. Dentro desta área os consumidores efetivamente deslocam-se para a localidade central, visando à obtenção de bens e serviços” (CORRÊA, 2001, p.57). Já o segundo, “ define a área em torno de uma localidade central que engloba o mínimo de consumidores suficientes para que um dado comerciante nela se instale” (CORRÊA, 2001, p.58). Ou seja, as variáveis que diferenciam ambos alcances, caracterizam-se na capacidade de atrair consumidores, na exigência ou não de deslocamento e na variedade de bens e serviços ofertados. Corrêa (2001) explica que,

No circuito inferior, o alcance espacial mínimo é reduzido nos três níveis de localidades centrais. O alcance espacial máximo, por sua vez, é relativamente maior na cidade local do que na intermediária. Na metrópole, apresenta tendência a confundir-se com os seus limites urbanos, ou seja, os bens e serviços oferecidos pelas atividades do circuito inferior não atraem residentes fora do centro metropolitano, atendendo apenas à demanda de uma vasta população pobre cidadina. A cidade local, por sua vez, tem sua centralidade apoiada, basicamente, nas atividades desse circuito, entre elas as que se reúnem nos mercados periódico (feira livre): atraem consumidores de uma relativa longa distância (CORRÊA, 2007, p.76).

Para Corrêa (2001) a hierarquia de localidades centrais existe apenas em função da população de médio e alto poder financeiro, pois a população que não fazem parte deste circuito superior, possui limitada mobilidade espacial, o que complica na identificação de uma hierarquia urbana.

Neste sentido, ressalta-se que o comportamento espacial dos consumidores, segundo as diferentes classes sociais é uma temática útil para se compreender as diversas redes regionais de localidades centrais com base nos dois circuitos da economia.

4 FEIRA LIVRE DE SIMÕES FILHO: FORMAÇÃO E MOBILIDADE GEOGRÁFICA DA FEIRA LIVRE NAS PARTICULARIDADES DO CIRCUITO INFERIOR

4.1 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE SIMÕES FILHO

Antes de ser emancipado, o município de Simões Filho era denominado povoado de Água Cumprida, que nasceu do ramal ferroviário criado com a linha Salvador/Juazeiro em 1860. O povoado era formado majoritariamente, pelas terras do Instituto de Pecuária da Bahia S/A e da Companhia de Laticínios da Bahia Sociedade Anônima, no entanto outras parcelas de terras faziam parte da formação territorial, como por exemplo: a fazenda Santa Luzia a qual desenvolvia atividade do plantio da cana-de-açúcar e com sua própria usina produzia açúcar e seus derivados. Elevou-se à categoria de distrito em 30 de dezembro de 1933, pela lei estadual nº 628. Naquele período a população era estimada aproximadamente em 20 mil habitantes. Depois de 28 anos, após uma intensa luta pela emancipação foi desmembrado do município de Salvador, tornando-se em 7 de novembro de 1961, através da lei federal de nº1538, município de Simões Filho, porém, só com a constituição de 1988 pôde exercer autonomia nas dimensões políticas, financeira, tributária e administrativa (HORAS, 2005).

Horas (2005) afirma que após a emancipação política, a instalação do Centro Industrial de Aratu – CIA, foi um dos acontecimentos mais importantes, para o desenvolvimento econômico do município, atraindo pessoas de diversos lugares. E devido a isso, houve um aumento significativo no contingente populacional; “Firmando-se definitivamente um núcleo habitacional” (HORAS, 2005, p.23).

O município de Simões Filho no seu processo de formação sofreu influências de atividades ligadas ao sistema de transporte ferroviário, plantio e a pecuária, metamorfose do espaço decorrente da ação antrópica. Com isso “cada instrumento de trabalho tem uma localização específica, que obedece à lógica da produção” (SANTOS, 2005, p.23).

No contexto atual, as atividades econômicas que compõem o espaço urbano de Simões Filho podem ser confluência de diversos circuitos produtivos. Um circuito ligado a uma intensa produção industrial e outro ligado ao setor de comércio e serviços.

Simões Filho integra a Região Metropolitana de Salvador (ver mapa 1), possui uma população estimada em 118.047 mil habitantes (IBGE, 2010). Assim como em

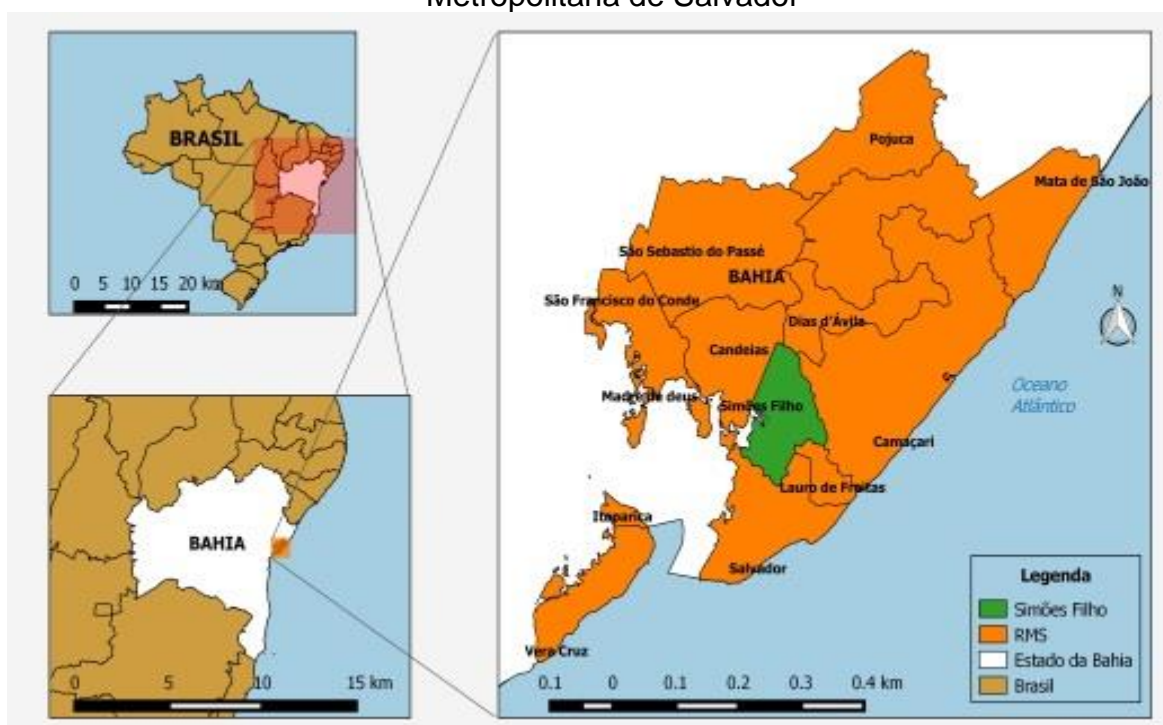
outras cidades evoluiu (ver tabela 1) tornando-se preponderantemente urbana com 89,6% de taxa urbanização. O município possui uma posição privilegiada, é um interposto que liga a outros municípios como Salvador, Candeias, Lauro de Freitas, Camaçari e Dias D'Ávila. Conjuntamente, estes municípios integram-se através dos modais ferroviário, rodoviário e aquaviário, o que tem servido de atrativo à implantação de centros logísticos de distribuição no entorno da metrópole soteropolitana (SEI, 2016). Santos (1988) afirma que uma cidade pode ou não manter intercâmbio importante com sua vizinha imediata, assim, como pode manter relações intensas com outras muito distantes, até mesmo fora do seu país.

Tabela 1 - Evolução da população urbana e rural de Simões Filho

Anos	Simões Filho				Total
	Urbana	%	Rural	%	
1970	Urbana	%	Rural	%	22.019
	5.981	27%	16.038	73	
1980	Urbana	%	Rural	%	43.571
	25.573	59	17.998	41	
1991	Urbana	%	Rural	%	72.598
	44.491	72	28.107	28	
2000	Urbana	%	Rural	%	94.066
	76.905	82	17.161	12	
2010	Urbana	%	Rural	%	118.047
	105.811	89,6	12.236	10,4	

Fonte: CONDER (2015) com base no Censo demográfico de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Mapa 1 - Localização do município de Simões Filho, no contexto da Região Metropolitana de Salvador



Fonte: Elaboração própria (2017).

O município de Simões Filho imprime ritmos diferentes ao longo dos seus dias, ritmos produzidos por aqueles que vivenciam e habitam seus espaços. Segundo Santos (1998), uma determinada distribuição de pessoas em determinado horário do dia repercute na produção do espaço num dado momento do tempo, e quando o tempo passa, ou seja, quatro horas mais tarde, uma nova distribuição pode se conformar, o conjunto de trabalhos e de atividades mudam, assim como a visão do conjunto. O movimento das pessoas corresponde à etapa da produção que está se dando naquele momento. Todos são produtores - o feirante, o guarda de trânsito, operário, os vendedores ambulantes, o moto taxista, o motorista de táxi, os vendedores de cafezinho, os transeuntes, mesmo quem não esteja diretamente no processo de produção, de algum modo também produz.

A Central de Abastecimento (Ceasa) que está localizado no referido município, especificamente na BA-526, desempenha um papel importante na distribuição de alimentos. Sua localização permite que diversos segmentos da população acessem aos alimentos facilmente, para além disso, atua como intermediário atacadista, fornecendo produtos alimentícios para serem comercializados em estabelecimentos comerciais que podem estar inseridos nos municípios vizinhos, em pontos móveis

montados pelos vendedores ambulantes, e no mercado municipal de Simões Filho, local onde ocorre a feira livre.

A participação atual dos setores econômicos³ (ver tabela 2) no produto municipal encontra-se assim distribuído: Agropecuária, com 0,2%; Indústria, com 37,4% e comércio e serviços, com 62,4% (SEI, 2016). Estes dados nos permitem concluir a respeito da reduzida produção agrícola do município e seu abastecimento por produtos agrícolas oriundos de outro município. Por outro lado, verifica-se uma produção industrial considerável, em virtude do Centro Industrial de Aratu (CIA). Todavia, Simões Filho apresenta uma característica tipicamente urbana que recai no peso do setor do comércio e dos serviços como base de sustentação da economia municipal.

Para Kon (1999) cabe na análise do papel das atividades de serviços no processo de desenvolvimento das economias, incorporar a avaliação dos impactos da atuação dos serviços sobre a geração de valor das atividades de outros setores econômicos sobre a acumulação de riquezas pela economia, ou seja, os serviços contribuem para o desempenho econômico de outros setores, principalmente, na cadeia de produção industrial.

Tabela 2 - Produção econômica do município de Simões Filho, pelos setores da agropecuária, indústria e comércio e serviço

Região geográfica	Valor adicionado (R\$ mil)				Produto interno bruto	Produto interno bruto Per Capita
	Agropecuária	Indústria	Comércio	Serviços		
Bahia	13.141.753	36.472.462	128.079.787		204.265.321	13.577,74
TI Metropolitano de Salvador	143.279	16.838.739	54.894.645		88.604.433	22.810,12
Simões Filho	5.551	1.184.000	1.975.819		4.005.298	30.888,52

Fonte: Adaptado da SEI (2016).

Aos dados informados na tabela 3 expressam através dos setores econômicos o quantitativo das atividades desenvolvidas em Simões Filho. A participação dos setores ligados ao comércio e ao serviço, são mais expressivos que os setores da indústria de transformação e a indústria da construção civil. Isso justifica a participação deste setor, como o mais significativo para economia do município.

³ Ressalta-se que os valores apresentados nas tabelas, foram retirados do estudo da SEI que corresponde ao Território de Identidade Metropolitano, logo os valores apresentados são apenas para compor análise.

A presença destes setores no espaço urbano dinamiza o cotidiano pelo trabalho de carga e descarga de mercadorias durante as horas do dia, pelo fluxo de veículos e informações, pela vida noturna, advinda das instituições de ensino, bares e restaurantes. Cria-se, em realidade, uma zona de interação e de interesse, frequentada por diversos segmentos da sociedade.

Tabela 3 – Número de estabelecimentos por setores de atividade econômica - Bahia, TI Metropolitano de Salvador e Simões Filho

Setores de Atividade econômica	Bahia	TI Metropolitano de Salvador	Simões Filho	Percentual em relação a Bahia %
Extrativa mineral	468	80	7	1,5
Indústria de transformação	12.521	4.097	335	2,7
Serviços Industriais de utilidade pública	318	113	7	2,2
Construção civil	8.429	3.814	140	1,7
Comércio	85.384	25.350	738	0,9
Serviços	62.974	30.264	677	1,1
Administração pública	1.073	183	3	0,4
Agropecuária, extração, vegetal, caça e pesca	16.911	578	17	1
Total	188.078	64.479	1.925	1,1

Fonte: Adaptado da SEI (2016).

Em relação ao estoque formal de emprego (ver tabela 4) os dados apresentados foram retirados do estudo sobre Território de Identidade Metropolitano de Salvador (TI), portanto enfatizamos apenas os resultados do estado, do TI e do município em questão. Sendo assim, Simões Filho apresentou em 2014 nas somas dos três setores da economia 14,6% do estoque formal de emprego. Comparando-se

o estoque de empregos formais por setores da economia, verifica-se um comportamento similar entre as atividades econômicas do município, pois não há uma variação muito grande entre os setores. Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca, correspondem a 2,8% do estoque formal de emprego; comércio e serviço apresenta 2,1% do estoque de formal de emprego, apesar de possuir o maior número de estabelecimento formais que poderiam oferecer maior quantitativo de vagas de emprego; já a indústria corresponde a 6,7%, estoque formal de emprego o que representa um número não muito expressivo.

Tabela 4 – Estoque formal de emprego segundo os grandes setores de atividade econômica – Bahia, TI Metropolitano e Simões Filho.

Região geográfica	2014							
	Agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca		Indústria		Comércio e serviço		Total	
	Estoque	%	Estoque	%	Estoque	%	Estoque	%
Bahia	89.855	100	392.770	100	1.252.189	100	2.374.467	100
TI Metropolitano	2.686	3	200.058	50,9	718.877	57,4 1	178.803	49,6
Simões Filho	75	2,8	13.361	6,7	15.380	2,1	33.093	2,8

Fonte: Adaptado da SEI (2016)

Estas atividades econômicas que foram mencionadas, têm especificidades de análise. A indústria por exemplo, obedece ao que se chamam de Circuito Superior da Economia que compreende um fluxo intenso de capital, alto poder de organização e articulação. O comércio e o serviço, também podem ser analisados no mesmo circuito, enquanto for serviço de alto padrão, no entanto, suas análises são construídas com base no Circuito Inferior da Economia que corresponde aos processos inversos do Circuito Superior.

As relações econômicas que provocam dinamismo urbano, são apontadas como elementos que levariam à transformação do papel das cidades, elas assumiriam enquanto sedes, os organismos de gestão dos grandes capitais e desenvolvimento tecnológico e pontos nodais dos dois circuitos da economia. Enquanto espaço produzido exerceriam diversas funções urbanas decorrentes da divisão social e espacial do trabalho que por sua vez contribui para o surgimento de polarizações espaciais, por meio da apropriação cada vez mais exclusiva dos espaços mais

valorizados pelas funções ligadas ao consumo. Logo a cidade reflete as dinâmicas e as características da sociedade.

4.2 A FORMAÇÃO E MOBILIDADE GEOGRÁFICA DA FEIRA LIVRE

“Eu alcancei tudo, toda a trajetória da feirinha, comecei na Praça da Bandeira, em seguida, passei para a Praça da Bíblia, e hoje, estou aqui. Naquela época não tinha luz e nem água, as casas eram feitas de pindoba e a iluminação era com lampião” (Seu Neris, feirante há 45 anos).⁴

As feiras livres constituem um elemento comum na paisagem urbana, encontram-se nos bairros de classe alta, nas periferias, ocupam avenidas e ruas das cidades, conforme a sua localização, elas adquirem características que as diferenciam. Presentes na organização urbana, se materializam em um elemento fixo ou temporário de distribuição local de gêneros alimentícios e de produtos básicos que asseguram a manutenção das trocas comerciais da coletividade urbana. Neste sentido, vale ressaltar, que são os agentes sociais presentes que dinamizam as feiras livres.

Nas cidades brasileiras como em Simões Filho, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, as feiras livres estão presentes na malha urbana. Em algumas áreas, já existe um espaço delimitado e regulamentado para o seu funcionamento, neste caso, trate-se de feiras de grande importância para o contexto urbano, como a feira do mercado municipal de Simões Filho, a feira de São Joaquim e a feira do Japão em Salvador, a feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro e a feira da madrugada em São Paulo. “Quanto maior for a importância da cidade, em termos de centralidade, maior será a importância absoluta de sua feira, importância determinada segundo o número de participantes e a área de atuação da mesma” (CORRÊA, 2001, p.122).

Nestas cidades que foram citadas, exceto Simões Filho, existem leis municipais que regulamentam e ordenam o desenvolvimento do fenômeno feira livre no espaço urbano. Tais definições podem estar descritas no Plano Diretor de Desenvolvimento

⁴ Trecho de uma notícia publicada no Simões Filho online em 8 de outubro de 2014.

Urbano ou em uma lei específica, isso depende de como o poder municipal trabalha o ordenamento territorial.

Dada a importância da regulamentação e decorrência do município de Simões Filho ainda não ter seu próprio regulamento, recupera-se o Decreto n.º 11.611 de 26 de maio de 1997 do município de Salvador para se apresentar o conteúdo de um documento legal elaborado para disciplinar/ordenar a feira livre. Nele é constatado as finalidades, definições e competência, os requisitos para o licenciamento, para o funcionamento e padronização das feiras livres, bem como, as obrigações, proibições, infrações e penalidades. Segundo este decreto a feira livre tem como finalidade:

Art. 1º - As Feiras Livres têm por finalidade a comercialização no varejo de gêneros alimentícios de primeira necessidade, produtos hortifrutigranjeiros, de horticultura, pomicultura, floricultura, salgados em geral, roupas feitas, armarinhos, louças e alumínios, artigos caseiros e de limpeza, manufaturados e semimanufaturados de uso doméstico e passam a ser regidas pelo presente Regulamento (SALVADOR, 1997).

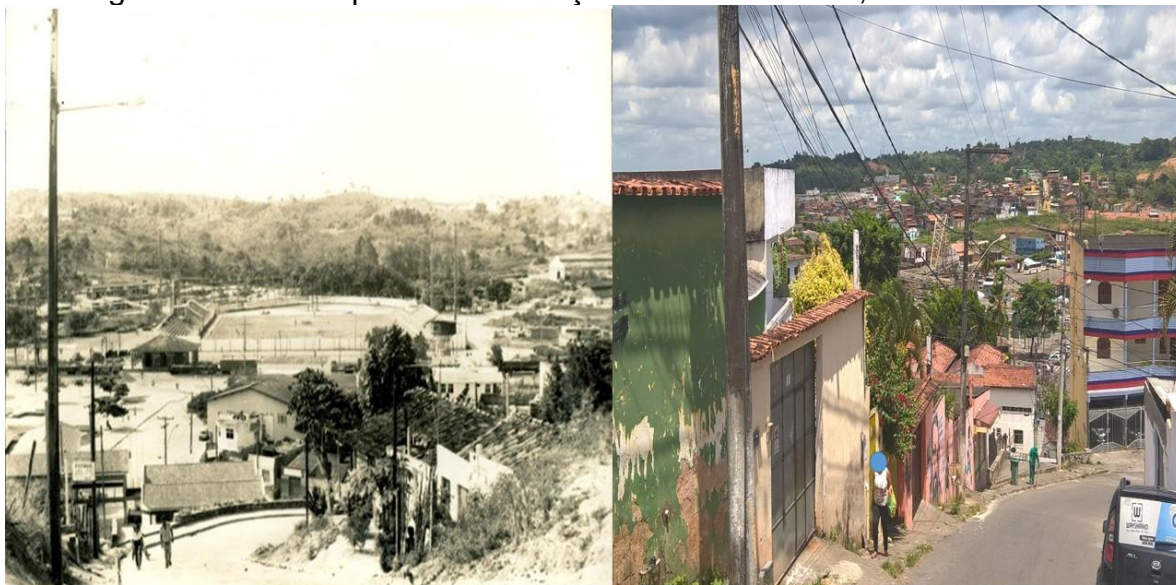
Neste regulamento especificamente, a feira livre é tratada apenas como ponto de comercialização. Não há referência enquanto ponto de atração turística, de sociabilidade, que guarda memórias de uma coletividade, elementos que ressaltam importância socioespacial das feiras livres no contexto urbano.

Segundo Rocha (2016) existem trinta e três feiras livres em Salvador, entre fixas e móveis e todas devem seguir as determinações descritas no regulamento. No entanto, há presença de pequenos núcleos que desenvolvem atividades comerciais no formato feira livre em vias públicas, destinadas principalmente para a circulação de pedestre e veículos, que funciona provavelmente sem devida autorização do poder municipal, o que implica em multas e em produtos retidos. Este modo de apropriação do espaço, representa uma crescente demanda por atividades que gere algum tipo retorno financeiro, e devido ao inchamento das feiras regulamentadas e de outras condicionantes, diferentes agentes sociais ocupam outras áreas das cidades.

Ainda que intervenções governamentais defina a territorialidade das feiras livres, sabe-se que “os processos sociais, entre os quais a acumulação de capital e a reprodução social têm importância básica [...] criam atividades e suas materializações, cuja distribuição espacial constitui a própria organização espacial urbana” (CORRÊA, 2005, p.36).

Neste seguimento, a feira livre Simões Filho surge na paisagem urbana como elemento econômico, que corresponde à outra lógica de produção do espaço. O primeiro indicio de presença da feira livre em Simões Filho reporta-se ao local onde está localizada a Praça Noêmia Meirelles, antiga Praça da Bandeira (ver figura 1), que segundo Horas (2005) havia um barracão e nas dependências do mesmo havia dois boxes para produtos alimentícios e três para açougue e presença de feirantes que comercializavam seus produtos expostos em cima de lona, espalhados pelo chão. Neste mesmo espaço, continha duas barbearias, uma alfaiataria, uma sapataria, uma hospedaria e uma pensão. Não há registro temporal exato de quando a feira livre passou a ser desenvolvida, porém com base em relatos de antigos moradores e feirantes, o entorno era composto por pequenas residências e a feira ocupada todo o espaço da referida praça.

Figura 1- Foto comparativa da Praça Noêmia Meirelles, Simões Filho – BA



Vista panorâmica da antiga Praça da Bandeira. Acervo biblioteca Municipal Simões Filho, não data do registro fotográfico.

Vista panorâmica da antiga Praça da Bandeira, atual Praça Noêmia Meirelles. Acervo próprio, registro em novembro de 2017.

Fonte: Elaboração própria (2017).

Atualmente a Praça Noêmia Meirelles, antiga Praça da Bandeira, funciona como espaço de lazer, de interação social, manifestação pública, política e cultural e como espaço utilizado para comercialização de bebidas e alimentos, no seu entorno as edificações apresentam tipologias de uso misto, desempenha função comercial e residencial. Essa constatação das mudanças socioespaciais no que permite pensar como “Tais processos são postos em ação pelos atores que modelam a organização do espaço, proprietários dos meios de produção, proprietários de terras, empresas

imobiliárias e de construção, associadas ou não ao grande capital” (CORRÊA, 2001, p.122).

Com base na informação de Dona Antônia, 66 anos, moradora e feirante, a segunda fase de funcionamento da feira livre aconteceu no período que durou aproximadamente 12 anos, iniciando em 1972. Neste ano, a população era estimada em 22.019 habitantes e o número de domicílios era 3.821 (IBGE, 1970). Como não foi encontrado registro oficial sobre a trajetória geográfica da feira livre, utiliza-se depoimento dos agentes socais como fonte pesquisa. Para Chauí (2000) a memória na sua dimensão coletiva ou social, objetiva gravar e relatar história de uma sociedade. No que se refere as construções antigas (palácios, casarios, monumentos), Santos (2012) chama de imagens imobilizadas e são consideradas um precioso instrumento de trabalho, pois, permite rever as etapas do passado numa perspectiva de conjunto.

Enquanto que no primeiro momento a feira livre funcionava no espaço aberto, o segundo passou a funcionar no mercado municipal que se localizava na Praça da Bíblia (Figura 2). Neste segundo momento, começava um novo padrão de funcionamento e ordenamento desta atividade econômica, que cresceu em decorrência do aumento populacional provocado pelo processo de urbanização do município. Para Santos (2012) o movimento da sociedade atribui funções às formas geográficas, transformando a organização do espaço. Ou seja, o primeiro espaço de localização da feira sofreu modificações com a ocupação e desocupação e o segundo espaço seguiu no mesmo sentido adquirindo uma nova configuração espacial, renovada pelo movimento social.

Atualmente, a Praça da Bíblia pode ser considerada como um centro político-institucional dada pela presença dos poderes executivo e legislativo, cuja a lógica é facilitar o acesso da população ao aparelho estatal. Esta relação é confirmada por Castells (1975), pois o referido autor fala que centro político-institucional é “a articulação dos pontos fortes dos aparelhos do Estado com referência a uma dada estrutura urbana.” (CASTELLS, 1975, p.317).

Figura 2 – Acima Prefeitura Municipal de Simões Filho



Fonte: Acervo próprio (registro em novembro de 2017).

Ainda sobre a Praça da Bíblia, em seu entorno é constado a presença do centro comercial Valter Gomes Cardoso que contém pequenas lojas de serviços e comércio, aparelho educacional (Colégio Alberto Silva e o Colégio Luiz Palmeiras), um posto de atendimento do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), ponto de ônibus, táxi, moto táxi, estacionamento, além de ser espaço destinado para realização de grandes eventos (ver figura 3).

Figura 3 – Praça da Bíblia no município de Simões Filho – BA



Fonte: Acervo próprio (registro em novembro de 2017).

As mudanças ocorridas nas praças que foram citadas, provocaram efeitos nos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. Santos (2012), nos lembra que ocorre também modificações nas esferas espaciais e geográficas,

Levando a uma reorganização do território, mediante uma redistribuição de papéis que inclui novos roles, estranhos até então à sociedade territorial. O fato de que as transformações se dão ao mesmo tempo, nas vias e meios de transportes e comunicação, na estrutura produtiva, nos hábitos de consumo, na forma de intercâmbio, nas relações de trabalho, na monetarização, nas formas de controle [...] tem efeitos cumulativos e acelerados sobre todo o processo de mudanças (SANTOS, 2012, p. 251).

Referindo-se a terceira reconfiguração da feira livre no espaço urbano, podemos afirmar que a mesma desempenha mais que o papel de centro de abastecimento alimentar. A própria mobilidade por ela sofrida, demonstra sua importância para o contexto urbano, pois se assim não fosse, não resistiria a passagem do tempo, a inserção de novos modos e meios de consumo. Suas ações e efeitos são contextualizados desde a primeira localização e continua até terceiro momento. Vale lembrar, que a feira é dinâmica, ainda que ocorra no mesmo lugar, a relação nela estabelecida difere no decorrer do “acontecer da feira”.

A feira livre é um centro simbólico⁵, um marco mutável que expressa as características das pessoas que habitam a cidade. Não seria absurdo dizer: quer conhecer a cidade vá a feira! Lá, encontra-se, os relacionamentos informais; a territorialidade rural no meio urbano; os cinco sentidos são aguçados: o contato direto entre o feirante e o freguês e deste com o produto a ser comprado; o cenário enriquecido pela variedade de cores dos alimentos e pelo cheiro forte dos frutos maduros, das carnes e dos frutos do mar; o som é representado pelo chamar dos feirantes no momento de ofertar seus produtos “chega mais freguês, temos peixes e mariscos tudo fresquinhos”. Alguns feirantes trabalham ouvindo música, estes são os que negociam bebidas, servindo o que eles chamam de tira-gosto, de todo modo, na feira é mais que a troca de mercadorias por dinheiro. É uma espécie de intimidade introduzida na relação de compra que induz a gentileza e uma sociabilidade maior, quebrando o individualismo e o anonimato, características normais da prática de

⁵ Centro simbólico é a organização espacial dos pontos de intersecção dos eixos do campo semântico da cidade, quer dizer o lugar ou os lugares que condensam de uma maneira intensa uma carga valorizante, em função da qual se organiza de forma significativa o espaço urbano. (CASTELLS, 1975, p.318)

consumo de outro circuito da economia, como por exemplo os grandes supermercados.

Segundo informações cedidas pela Secretaria de Ordem Pública (SEMOP), o mercado municipal de Simões Filho foi construído em 1984. Neste período a população era estimada em 43.571 mil habitantes, para 8.216 domicílios (IBGE, 1980). Em comparação, há dez anos atrás houve um aumento significativo, tanto o número de habitantes, quanto o número de domicílios, o que indica que um maior contingente de pessoas demandando por alimentos, por uma fonte de renda, equipamentos, infraestrutura, acessibilidade, ou seja, de estruturas produtivas que promovam justiça urbana.

Na atual Lei nº 995/2016 denominada Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal – (PDDM) a localidade em que foi construído, é considerada Zona de Comércio e Serviço 1^o. No entanto, no período que se refere ao ano de construção a localidade poderia ser caracterizada como uma área em processo de adensamento, pois não havia presença nem de equipamentos públicos e nem de equipamentos privados em seu entorno. Santos (2012) afirma que o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação, que juntos permite um tratamento analítico, que dá conta da multiplicidade e da diversidade de situações e de processos. “O espaço é produzido culturalmente a partir da ordenação das atividades e comportamento humanos, de acordo com seu aspecto público ou privado” (EDWARD HALL, 1973 *apud* VEDANA, 2004, p.58).

O cotidiano de Simões Filho é marcado por diversos ritmos que expressam os diferentes modos como a sociedade se organiza e reorganiza as suas relações com um conjunto de objetos reais e concretos, objetivando a reprodução da vida no espaço, alterando a configuração territorial. A feira livre se constitui num desses modos e, ainda que tenha sofrido alterações na sua dinâmica, encontra-se integrada no cotidiano daqueles que habitam a cidade.

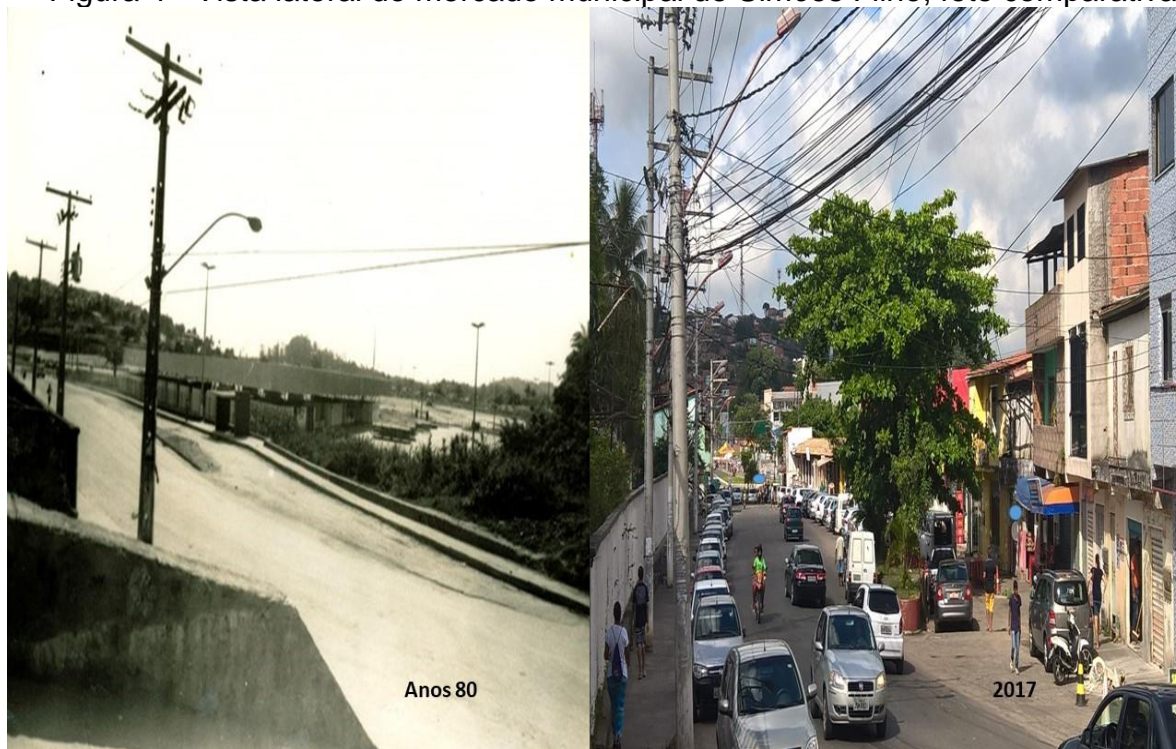
Realizada desde meados dos anos 80, de domingo a domingo, sendo que o dia de maior movimento é o sábado, a feira dinamiza a vida da cidade. Sua estrutura fica instalada dentro no mercado municipal, local que durante um certo tempo não

⁶ Zona consolidada como corredor linear de serviços voltados à consolidação da centralidade do eixo Leste-Oeste de integração urbano regional, estruturada pelas vias que compõem este eixo, pela linha férrea e pela proposta de parque linear desenvolvida pelo partido urbanístico.

dividia espaço com outros empreendimentos comerciais, que hoje estão presentes assumindo também a função de abastecer a cidade.

A figura 4, corresponde uma imagem comparativa que mostra a modificação do espaço em entorno do mercado municipal. Para Corrêa (2005, p. 50) “os mercados representam uma forma de sincronização espaço-temporal das atividades humanas”. E a imagem traduz o impacto destas atividades no processo de ocupação do espaço urbano. Com isso a primeira imagem, provavelmente registrada nos anos 80, após a inauguração em 1984, mostra que havia presenças de poucas construções, porém já contava como rede energia elétrica, rede de abastecimento de água, pavimentação e imobiliário urbano (ponto de ônibus). A segunda registrada em 2017, expressa uma realidade diferente, é notório o adensamento urbano, a presença de veículos e pessoas usando a rua.

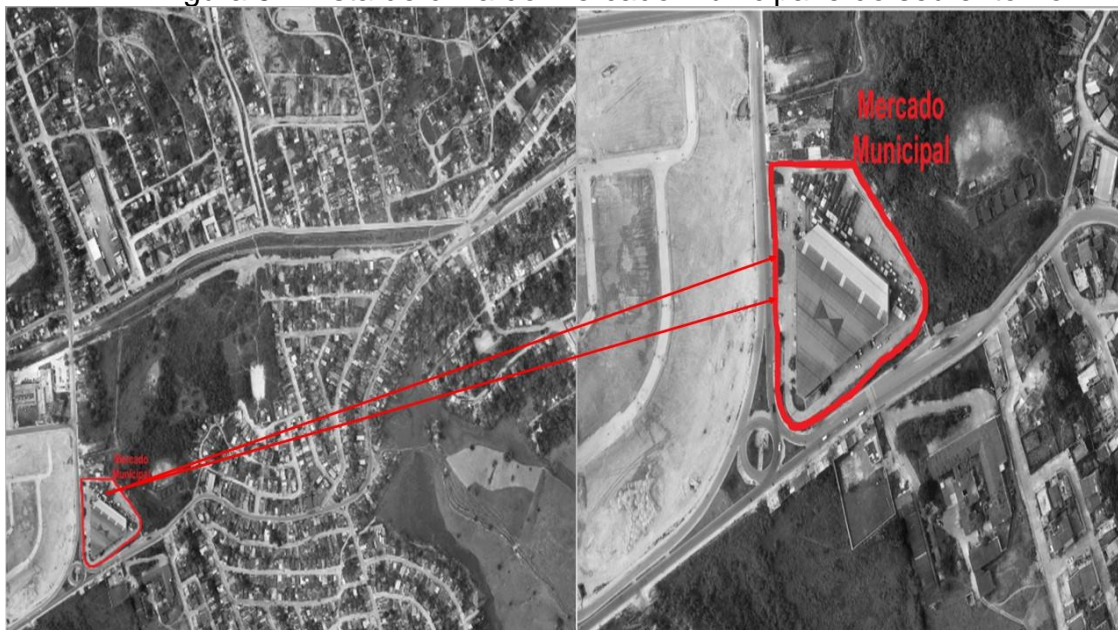
Figura 4 - Vista lateral do mercado municipal de Simões Filho, foto comparativa



Fonte: CONDER (2017) e acervo próprio (registro em novembro de 2017).

E, as figuras 5 e 6, demonstram o processo de ocupação do espaço entorno do mercado municipal mostrando o adensamento humano que foi se formado a partir da instalação do equipamento.

Figura 5 - Vista de cima do mercado municipal e do seu entorno



Fonte: Adaptado da Conder (1990).

Figura 6 - Imagem comparativa da área do entorno ao mercado municipal, demonstrando a aumento de números de edificações



Fonte: Adaptado da Conder (1990) e Google Maps (2017).

Segundo registro da prefeitura municipal, o mercado conta com 640 (seiscentos e quarenta) feirantes cadastrados e estima-se que durante o dia de maior movimento o número alcance aproximadamente 900 feirantes, entre os cadastrados e os não cadastrados. Com base na classificação definida por Diniz (1987), esta feira

pode ser considerada como grande pelo número de participantes envolvidos, fato que contribuiu para que a feira livre ultrapasse os limites do mercado municipal.

A configuração interna do mercado não compreende uma lógica setorial, alguns produtos como confecções, calçados, peixaria, carnes, variedades, móveis e animais ficam numa determinada área enquanto os cereais, frutas/verduras, bar e restaurantes ocupam outros espaços (ver figura 7, 8, 9). Mas, a característica principal é a aglomeração de mercadorias e de pessoas nos corredores, nos arredores, na área externa do mercado. Feirantes que disputam espaço de venda, clientes, e inevitavelmente o lucro, proveniente do volume de produtos vendidos.

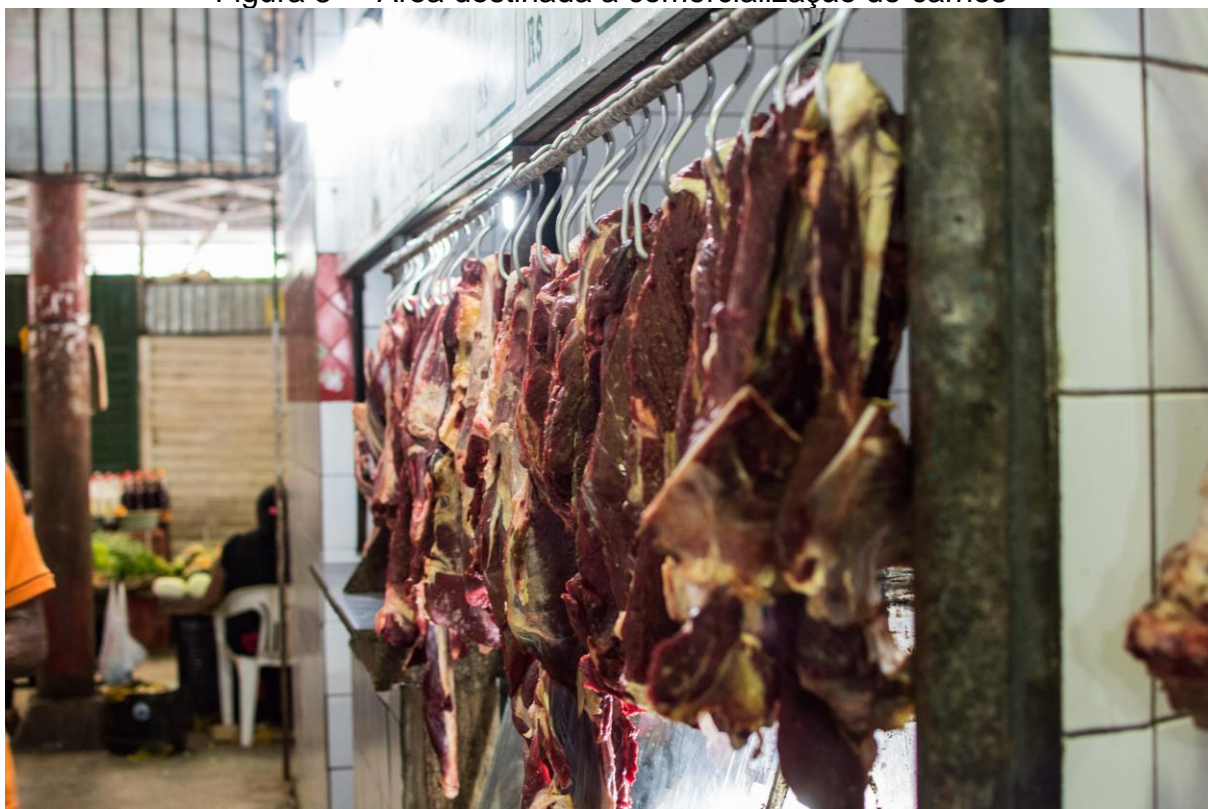
Figura 7 - Área destinada a comercialização de vestuários



Fonte: Acervo próprio (registro em novembro de 2017).

A feira livre é um espaço aberto, público, de fácil acesso e sem barreiras fiscais, no entanto, ainda que haja uma logística ineficiente e o elevado custo do transporte coletivo, existe a apropriação por parte dos agentes sociais que utilizam este espaço como fonte de renda e sociabilidade.

Figura 8 – Área destinada a comercialização de carnes



Fonte: Acervo próprio (registro em novembro de 2017).

Figura 9 – Área destinada a comercialização de alimentos e produtos: frutos do mar, hortaliças e bar



Fonte: Acervo próprio (registro em novembro de 2017).

4.3 FEIRA, FEIRANTES E O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA

“A feira representa pra mim uma fonte de renda e sobrevivência” (Dona Lurdinha, feirante há 25 anos).

Esta é a principal referência da feira livre para a maioria dos feirantes: meio de vida e de sobrevivência diante de um sistema econômico que privilegia aqueles que já possui renda elevada. Para Santos (2008),

A existência de uma massa de pessoas com salários muitos baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muitos elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços (SANTOS, 2008, p. 37).

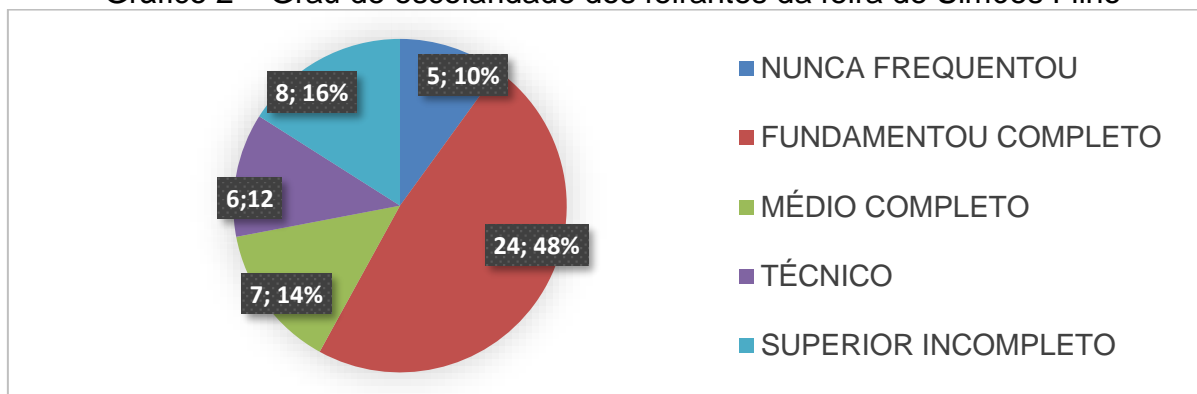
Conforme já foi definido e caracterizado os dois circuitos da economia no capítulo anterior, neste retomamos pontos específicos para a construção da análise da feira e das informações cedidas pelos feirantes. Porém ressalta-se novamente, que o circuito superior é o resultado direto da modernização tecnológica e uma de suas características é o desenvolvimento de atividades modernas que beneficiam a poucos. O circuito inferior é resultado do mesmo processo, mas com resultados diferentes, pois os indivíduos acessam parcialmente as atividades ligadas a essa modernização. E neste sentido, o modo de produção capitalista produz espaços divididos.

No trabalho de campo, realizado no mês de novembro 2017 no dia de (sábado) em horários diferentes, por meio de observações e diálogos informais com moradores, consumidores e feirantes, notou-se que a feira assume uma importância econômica, enfatizada por aqueles que foram consultados. No entanto outras contribuições foram surgindo a partir da aplicação do questionário e dados utilizados para construir as tabelas desse capítulo, logo, as interpretações resultantes da análise de cada uma delas, são, portanto, de dados primários.

Para Santos (2008) o circuito inferior constitui, uma estrutura de abrigos para aqueles que habitam a cidade, sendo os antigos ou os novos desprovidos de capital e de qualificação. Fato verificado ao se analisar o grau de escolaridade dos feirantes, observável no gráfico 2 pois a maioria apresenta nível fundamental (48%). Enquanto que no circuito superior aqueles que ocupam as vagas de emprego, em sua maioria são jovens, no circuito inferior o espaço atende todas as faixas etárias de idade com

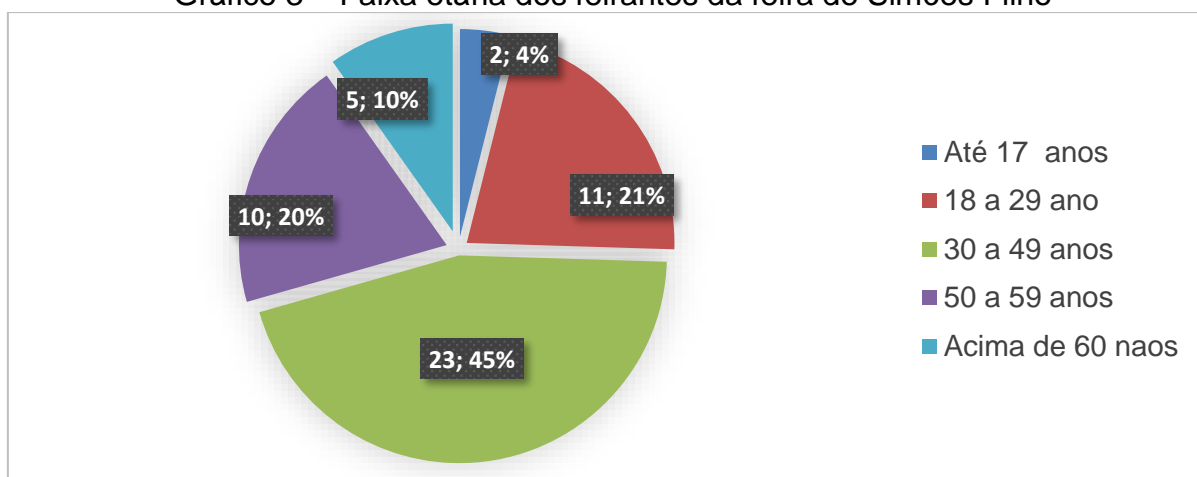
predominância entre 17 a 59 anos (ver gráfico 3), sendo que a faixa etária entre 30 a 49 corresponde a 45%. Trata-se de uma organização que não aplica os meios formais de contratação e são em muitos casos trabalhadores autônomos, que neste caso mantem e expande o circuito da feira.

Gráfico 2 – Grau de escolaridade dos feirantes da feira de Simões Filho



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Gráfico 3 – Faixa etária dos feirantes da feira de Simões Filho



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Os feirantes que trabalham na feira de Simões Filho são de diversas naturalidades. Fato que pode constatado na tabela 4. Segundo as informações cedidas pelo mesmo, os municípios que correspondem ao seu local de nascimento, também é o mesmo local de moradia, sendo que todos residem em área urbana, neste caso, predominam os residentes em Simões Filho (34%) e em Salvador (16%), embora os feirantes sejam oriundos de diversos municípios, com concentração na Região Metropolitana de Salvador.

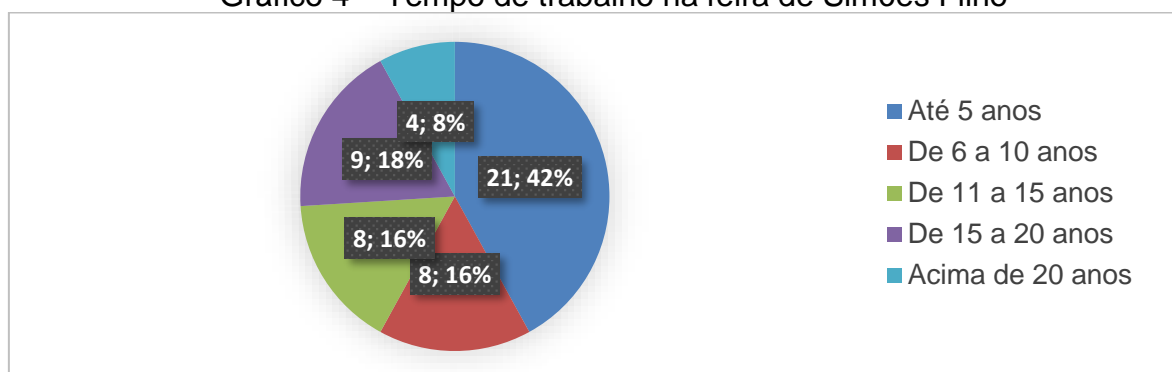
Tabela 5 – Local de nascimento e moradia dos feirantes da feira de Simões Filho
NATURALIDADE

Cidade	Nº absoluto	Nº relativo (%)
Salvador	8	16
Simões Filho	17	34
Candeias	1	2
Lauro de Freitas	4	6
São Sebastião	1	2
Mata de São João	1	2
Camaçari	3	2
D'Ávila	3	2
Conceição do Jacuípe	5	8
Feira de Santana	1	2
São Francisco do Conde	1	2
Santo Amaro	4	6
Saubara	1	2
TOTAL	50	100

Fonte: Elaboração própria (2017).

O tempo de trabalho dos feirantes variam em torno de 5 a mais de 20 anos. Em conversa informal, muitos deles afirmam tem construídos suas residências com a renda vinda da feira. Santos (2008) afirma que para estes pequenos comerciantes, a sobrevivência vale mais que o lucro.

Gráfico 4 – Tempo de trabalho na feira de Simões Filho



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

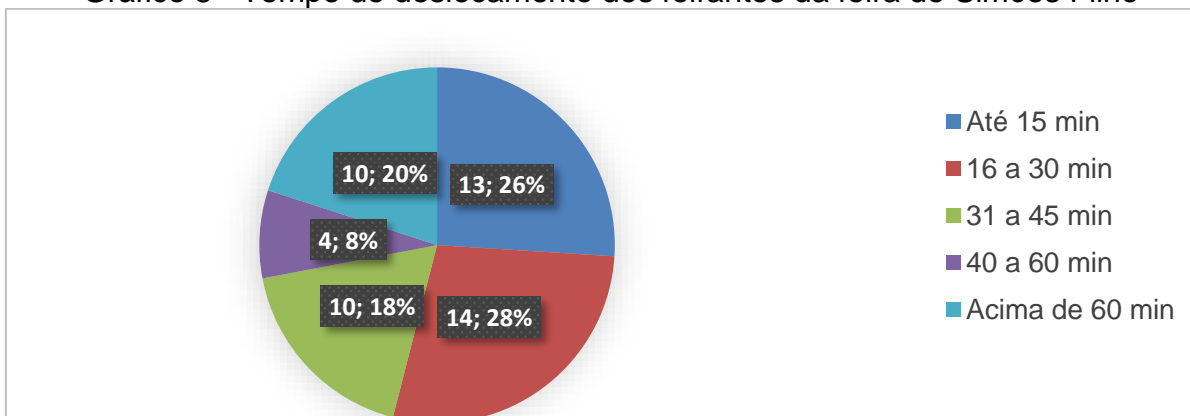
Os dados da Tabela 5 informam que o principal meio de transporte utilizado pelos feirantes é o ônibus (40%). Desataca-se também, o volume significativo de feirantes que se deslocam a pé. Já os dados do Gráfico 5 evidenciam que o tempo de deslocamento dos feirantes não é tão elevado, pois 64% levam menos de 45 minutos para chegar a feira livre. O meio de transporte (tabela 5) utilizado pelos feirantes e o tempo de deslocamento (gráfico 5) são aspectos interessantes que influenciam eficácia do trabalho, quanto menor for tempo de deslocamento, maior o tempo de permanência na feira, logo a tendência é um maior volume de venda. Esta mesma relação pode ser estabelecida com o modo de deslocamento, quanto menor for custo de transporte, maior será o lucro. A variação de tempo corresponde, evidentemente, com tipo de transporte utilizado e com a distância entre a feira e a residência. Com base em conversas informais, alguns feirantes informaram que antes de chegarem a feira, necessitam de passar nos locais que vendem mercadorias em atacado, isso acaba contribuindo para aumentar não só o tempo de deslocamento como a carga horária de trabalho, provocando desgaste físico e mental. Esta constatação rebate no que Santos (2008) chama de trabalho intensivo.

Tabela 6 - Meios de deslocamento dos feirantes da feira de Simões Filho

MODO	VALOR ABSOLUTO	VALOR RELATIVO (%)
A PÉ	10	20
ÔNIBUS	20	40
CARRO PARTICULAR	13	26
TÁXI	3	6
MOTO TÁXI	4	8
TOTAL	50	100

Fonte: Elaboração própria (2017).

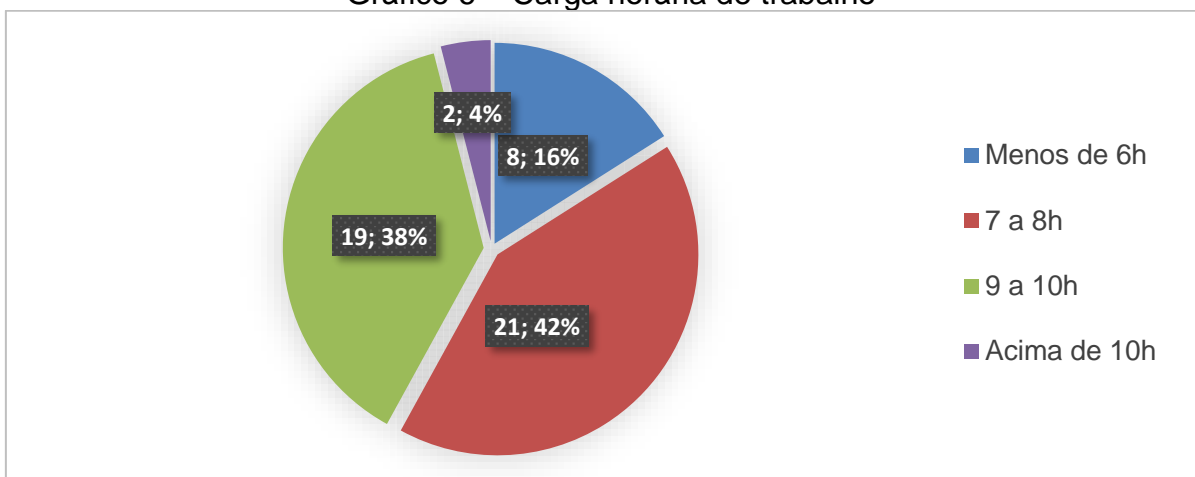
Gráfico 5 - Tempo de deslocamento dos feirantes da feira de Simões Filho



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

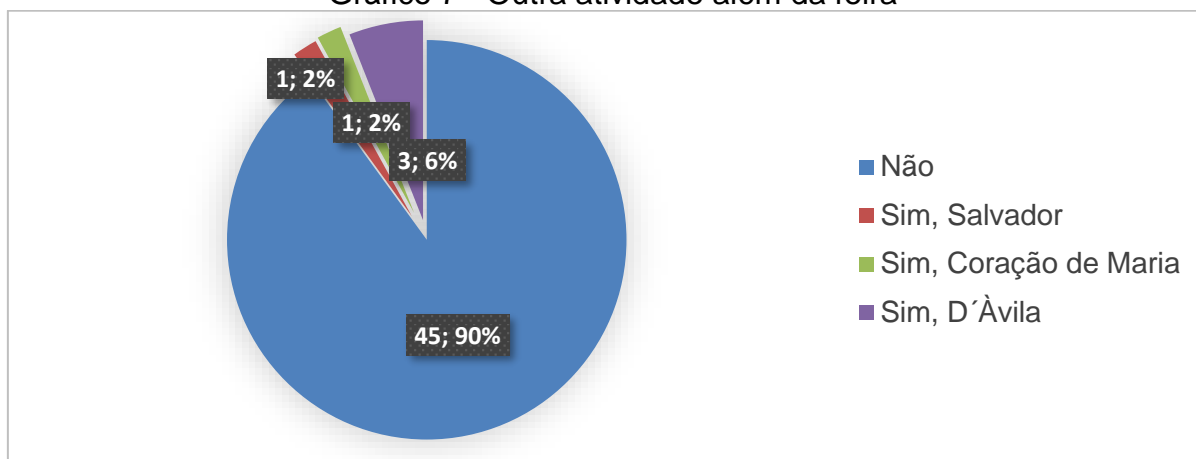
Como o tempo diário de trabalho excede a carga horária de 8h (ver gráfico 6), a maioria dos entrevistados (90%) não exercem outra atividade além da feira, porém existe alguns feirantes que trabalham em feiras que funcionam em dia diferente em outros municípios (ver gráfico 7). Segundo Santos (2008) no circuito inferior os agentes sociais desenvolvem mais de uma função, em mais de um lugar, devido à baixa rentabilidade da primeira atividade desenvolvida. O que pode ser constatado no gráfico 8 em que a maioria dos feirantes arrecadam menos de um salário mínimo por semana (90%), valor que inclui investimento e lucro.

Gráfico 6 – Carga horária de trabalho



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

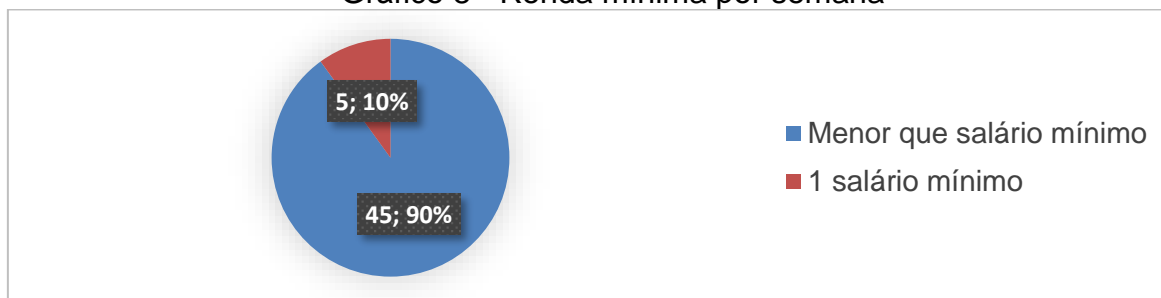
Gráfico 7 - Outra atividade além da feira



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.

Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Gráfico 8 - Renda mínima por semana

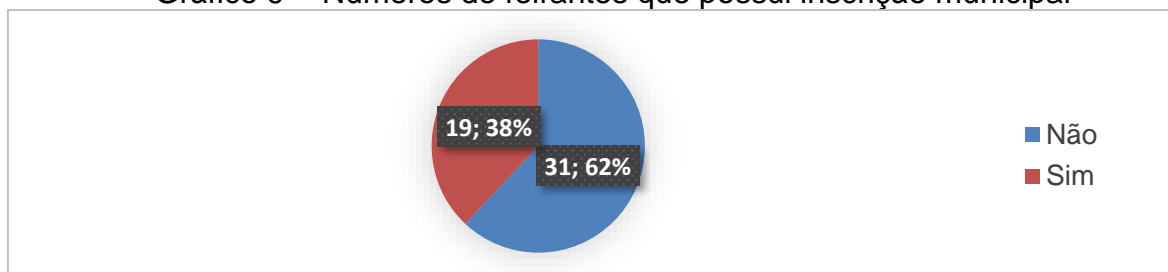


Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.

Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

A maioria dos feirantes possuem inscrição municipal (Gráfico 9) e aqueles entrevistados que não possuem são os vendedores rotativos em que a permanência no local da feira não ultrapassa das 6h.

Gráfico 9 - Números de feirantes que possui inscrição municipal



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.

Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Alguns feirantes têm seu box próprio (52%), outros necessitam alugar (6%) e tem aqueles que trabalham circulando que não precisa de box (38%). Vale informar

que existe bancas de madeiras em situação precária, com cobertura de lona plásticas, principalmente no setor de roupas (ver figura 10), isto, além de comprometer o trabalho de muitos feirantes, contribui para que os consumidores venham preferir a feira as lojas de roupas.

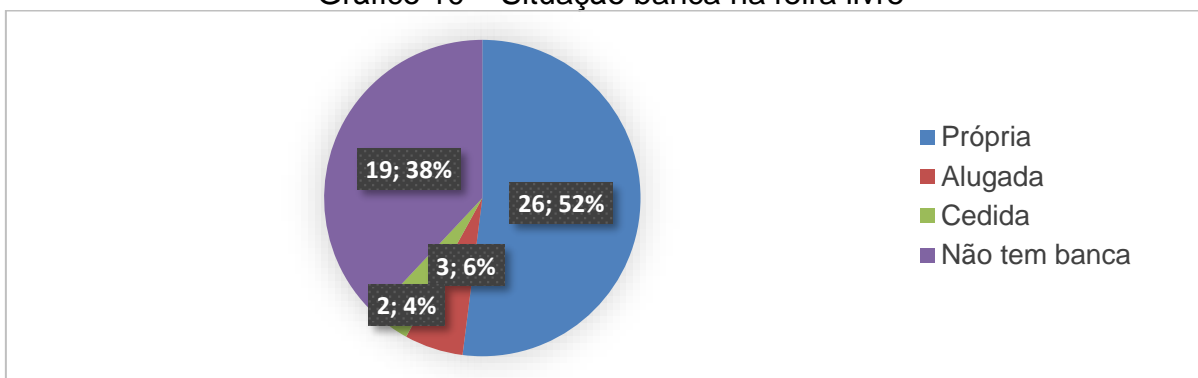
No entanto, governo municipal isentou os feirantes da taxa de contribuição, todo custo de manutenção é mantido pelo orçamento municipal. Neste caso, os feirantes dispõem desse apoio, porém uma das características do circuito inferior é não ter nenhum tipo de apoio financeiro ou estrutural por parte do poder estatal, enquanto que as grandes empresas, usufruem direta ou indiretamente através dos financiamentos e concessões.

Figura 10 - Situação das barracas de madeiras



Fonte: Acervo próprio (registro em novembro de 2017).

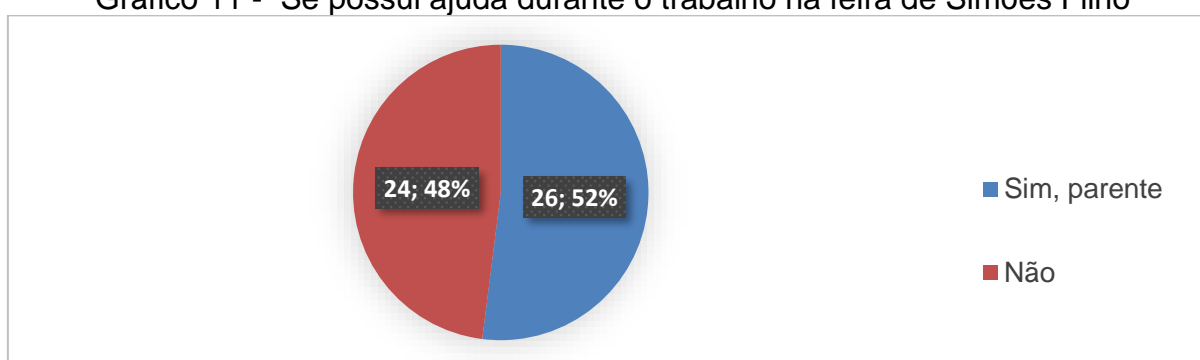
Gráfico 10 – Situação banca na feira livre



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

No circuito inferior, é comum o feirante assumir diferentes funções (SANTOS, 2008, p. 176). Eles se ocupam com administração, compram e vendem os produtos, transportam e armazenam. No início de mês, quando o movimento de consumidores tende de aumentar, alguns feirantes contam com ajuda de parente (Gráfico 11). Segundo eles, a presença de um ajudante agiliza o atendimento e a na arrumação das mercadorias, porém foi ressaltado que, não existe um valor definido a ser pago pela ajuda, que o mesmo será de acordo com a quantidade de produtos vendidos.

Gráfico 11 - Se possui ajuda durante o trabalho na feira de Simões Filho



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Como a feira é considerada grande e possui uma variedade de produtos comercializados, logo não foi possível pontuar todos. No entanto a tabela 6 demonstra os produtos mais encontrados na feira, com base na informação levantada em entrevista. Em seguida perguntou-se em qual cidade era adquirida a mercadoria (ver a tabela 7) em alguns casos na mesma cidade de moradia, em outro existe necessidade de comprar em outro estado como por exemplo em Caruaru (PE) que possui uma feira importante de produtos manufaturados de roupas e calçados com preço de revenda. Tratando-se de Simões Filho, os alimentos (hortifrúti) que são comercializados na feira vem da CEASA que por sua vez é abastecido de com produtos vindos de outra região. Santos (2008, p. 68) afirma que os produtos que abastecem o comércio alimentício do circuito superior têm sua origem em áreas exteriores à cidade e a região, já no circuito inferior as fontes de abastecimento são principalmente locais.

Tabela 7 – Produtos comercializados na feira de Simões Filho

Produtos	Nº Absoluto	Nº Relativo (%)
Vestuário	8	18
Calçados	4	9
Frutas/Verduras	9	21
Outros	23	52
Total	50	100

Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.

Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Existe, também uma pequena relação econômica articulada pelos habitantes de Conceição Jacuípe que comercializam a produção de hortaliças do município na feira de Simões Filho, permitindo verificar a existência de estreita relação de atividades econômica entre esses lugares.

Tabela 8 – Cidades onde são adquiridos os produtos

Cidade	Nº Absoluto	Nº Relativo (%)
Caruaru - PE	6	12
Salvador	7	14
Feira Santana	18	36
Simões Filho	7	14
Santo Amaro	5	10
Conceição Jacuípe	4	8
São Francisco do Conde	1	2
Mata de São João	1	2
São Sebastião	1	2
Total	50	100

Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.

Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

A feira livre, ainda é a grande oportunidade de trabalho, geração de renda e de inclusão no mercado consumidor para um grande número de pessoas. Devido a isso, este espaço demanda por cuidados que ajudem na sua permanência. Durante a realização das entrevistas, foram pontuadas diversas dificuldades (ver tabela 8), que tem impactado a dinâmica da feira. Segundo as informações cedidas pelos feirantes, a dificuldade mais expressiva foi a concorrência devido ao surgimento de mais feirantes oferecendo o mesmo produto, em alguns casos com o preço muito mais

baixo, sem a margem de lucro. Santos (2008) afirma que o número crescente de mão-de-obra em atividades de pequena dimensão, se justifica pela facilidade de entrada, pela desigualdade de renda e pelo sistema econômico que é incapaz de oferecer salário e emprego permanente.

Tabela 9 – Dificuldade mencionadas pelos feirantes de Simões Filho

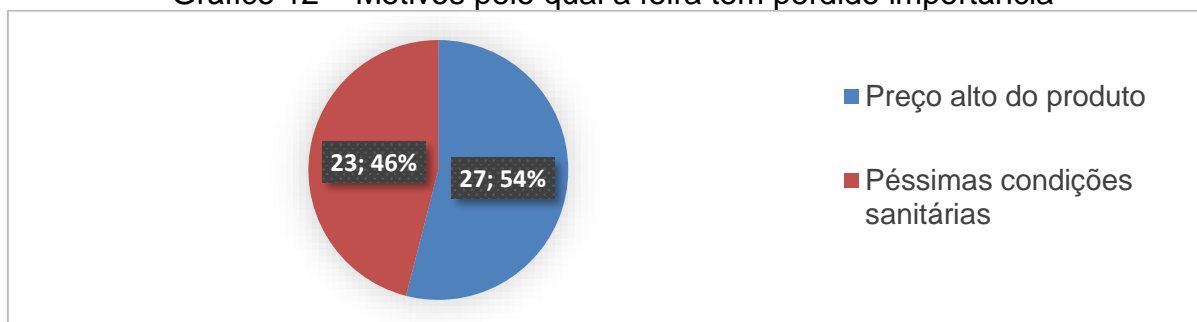
Dificuldades	Nº Absoluto	Nº Relativo (%)
Não há dificuldades	9	18
Concorrência	12	24
Falta de Higiene	5	10
Falta de estrutura	11	22
Violência	1	2
Falta de Segurança	6	12
Poluição Sonora	5	10
Assédio	1	2
Total	50	100

Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.

Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Os feirantes ainda ressaltaram que houve um aumento significativo nos preços dos produtos (ver gráfico 12) e atrelado as péssimas condições físicas e sanitárias da feira, a mesma tem perdido a importância. Com base em conversa informal com muitos feirantes, o que tem mantido a permanência da feira, são os relacionamentos entre eles e o consumidores. “O que seria de mim se não fosse meus clientes fixos, além de comprar na minha mão, vem me ver, conversa comigo e ainda traz café, comida e paga uma cervejinha” (Trecho da conversa com o senhor Antônio, feirante há 15 anos). Os relacionamentos estabelecidos socialmente, enfatiza, em contrapartida, uma multiplicidade de formas de uso do espaço que dá momentos de efervescência, de abundância e da vida (VEDANA, 2004).

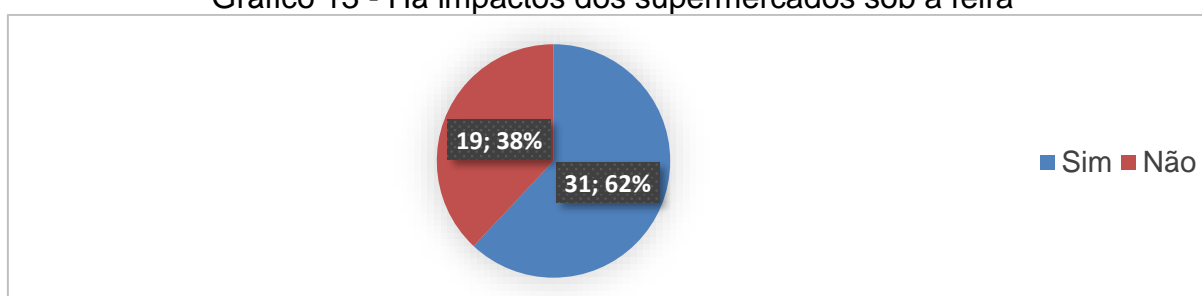
Gráfico 12 – Motivos pelo qual a feira tem perdido importância



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Sobretudo, existe outro fator que vem contribuindo para que a feira deixe de exercer o papel de maior centro de abastecimento alimentar da cidade, é a presença dos supermercados, que segundo a maioria dos feirantes entrevistados (Gráfico 13), este empreendimento tem atraindo partes dos consumidores que antes faziam suas compras na feira livre de Simões Filho.

Gráfico 13 - Há impactos dos supermercados sob a feira



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Porém devido a sua localização na área central, ter resistido há duas passagens de tempo, fato de ser próxima a vários bairros, a sua rede de vias que interligam a várias partes da cidade de Simões Filho. A feira atrai público de diversos lugares, pessoas de diferentes classes de renda e diversas faixas etárias. Tais fatores contribuem para a sua permanência, persistência e expansão.

4.4 FEIRANTES – CONSUMIDORES

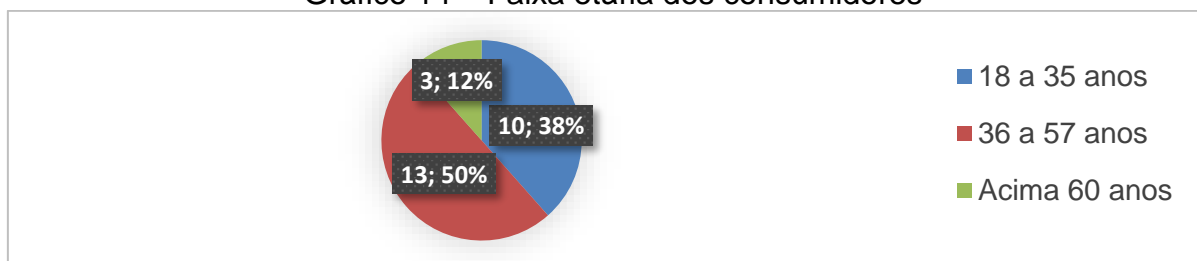
“Para mim representa uma necessidade, não tenho outra opção! Mas, falta condições sanitárias, higiene e limpeza” (Dona Fabiana, consumidora da feira, há mais 5 anos).

É incontestável que a feira livre atende as necessidades da população simoesfilhense, ao mesmo tempo que é um espaço de encontros, risadas, onde muitos atores sociais retiram o seu sustento e o de sua família. Gil (2005) afirma que “o espaço em sua totalidade tem sido re/produzido para atender às necessidades do homem”.

Não existem dados quanto ao número de atores sociais que frequentam a feira aos sábados. Em diálogo com os alguns funcionários da SEMOP que trabalham no circuito da feira foi levantada a hipótese de quatro a seis mil pessoas. Nesse espaço, também são realizadas manifestações políticas, populares, culturais e religiosas. Em período de campanhas educativa, eleitoral e ambiental, os responsáveis a utilizam para distribuição de panfletos e de publicidade. De todo modo a feira é intensamente utilizada.

Sendo a feira reproduzida pela ação dos atores sociais que nela se faz presente. Apresenta-se a seguir as principais características dos seus consumidores. A faixa etária pode ser constatada no (Gráfico 14), e ao ser analisada mostra a existência de diversas pessoas de várias idades na ambiência deste espaço.

Gráfico 14 – Faixa etária dos consumidores

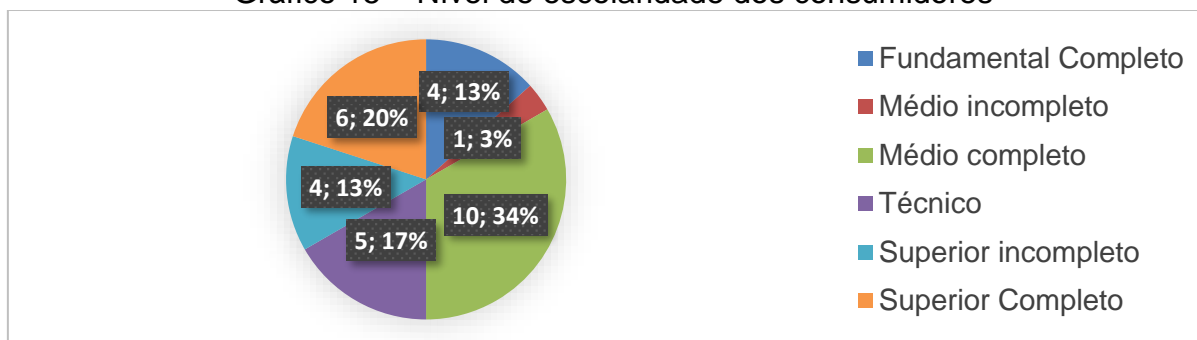


Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

No gráfico 15 está em evidência o nível de escolaridade dos consumidores e a profissão (ver gráfico 16) contribui para entender e discernir as relações interpessoais e sociais presentes na feira. Em observação os consumidores que tem um nível escolaridade mais elevado, são mais objetivos na compra, sempre com pressa, conversam pouco e são mais exigentes, no que se refere a qualidade do produto. No

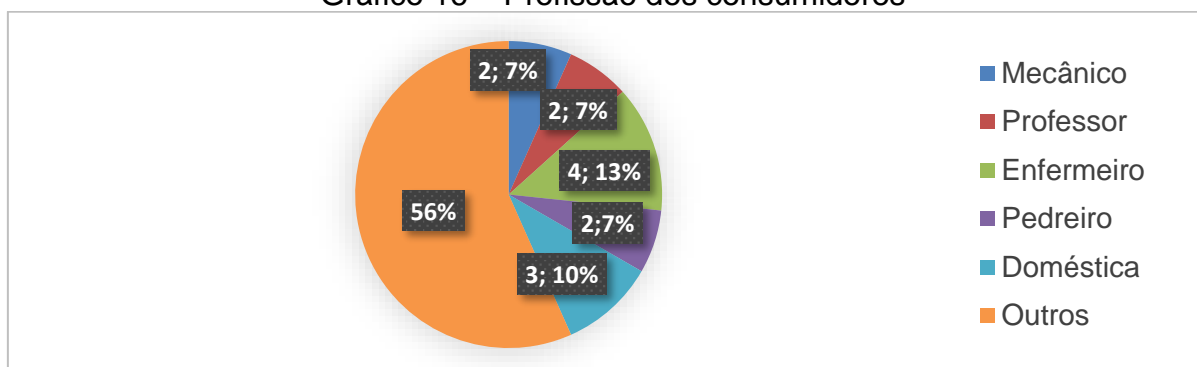
entanto, aqueles que se enquadram no nível diferentes deste que foi citado, parecem ser mais interessados em saber qual o local de residências dos feirantes, procedências dos alimentos, se são os feirantes os produtores ou quando se tratam de frutos do mar se são os feirantes os pescadores, e, neste ritmo a conversa se prolonga entre um cliente e outro.

Gráfico 15 – Nível de escolaridade dos consumidores



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

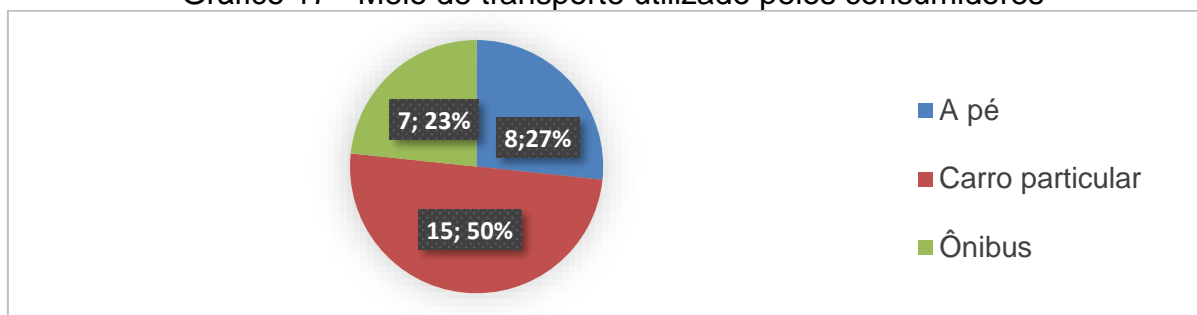
Gráfico 16 – Profissão dos consumidores



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

O carro particular (ver gráfico 17) é meio de transporte mais utilizado pelos consumidores, cuja a justificativa é o transporte das compras. Segundo os entrevistados, é complicado transitar em outro meio de transporte segurando sacolas pesadas. No entanto, os que preferem ir caminhando, ressaltaram que ir a pé, cria possibilidades de encontro com os amigos, pois no decorrer da semana é improvável que isso aconteça. Já aqueles que preferem utilizar o ônibus, afirmaram que a distância entre a sua residência e a feira é muito grande e também não dispõe de outro meio de transporte. De todo modo, o ir e vir da feira gera movimento humano e financeiro.

Gráfico 17 - Meio de transporte utilizado pelos consumidores



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Sendo o carro particular o meio de transporte mais utilizado, é identificado pelos feirantes no espaço interno da feira e na sua área de abrangência um fluxo intenso de veículos (ver figura 11).

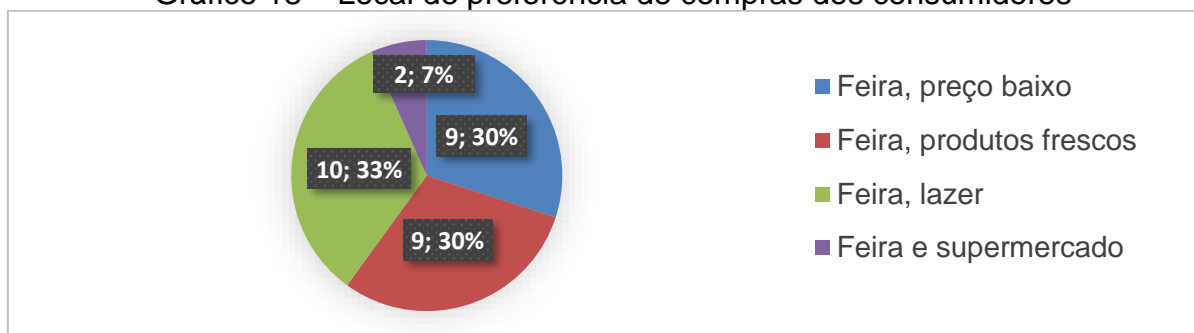
Figura 11 - Fluxo de veículos dentro do mercado municipal



Fonte: Acervo próprio (registro em novembro de 2017).

São várias as justificativas usadas pelos consumidores para confirmarem sua preferência em comprar seus produtos e alimentos na feira. Preço baixo e a qualidade dos alimentos, foram os mais destacados. Segundo os entrevistados a oferta de produtos alimentício é muito grande e devido a esta demanda, aumenta seu poder de barganha.

Gráfico 18 – Local de preferência de compras dos consumidores

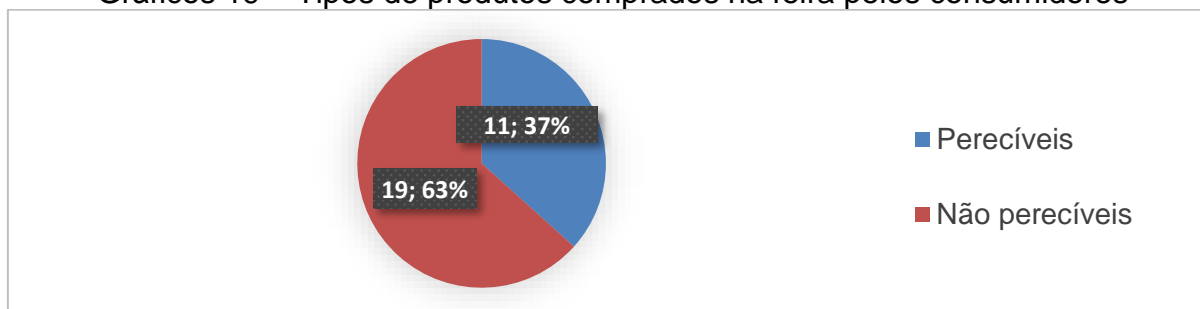


Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.

Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Diante da variedade de produtos e alimentos que são comprados pelos consumidores, para análise optou-se para agrupá-los em perecíveis e os não perecíveis. Sendo que os produtos não perecíveis (63%) são os mais comprados na feira de Simões Filho (ver gráfico 19).

Gráficos 19 – Tipos de produtos comprados na feira pelos consumidores

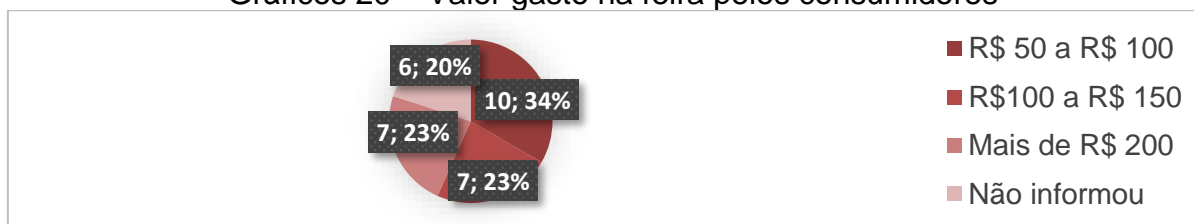


Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.

Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Em relação com a questão econômica (ver gráfico 20) verificou-se que o gasto dos consumidores na feira, varia entorno de R\$ 50 a R\$ 200 por semana (77%).

Gráficos 20 – Valor gasto na feira pelos consumidores

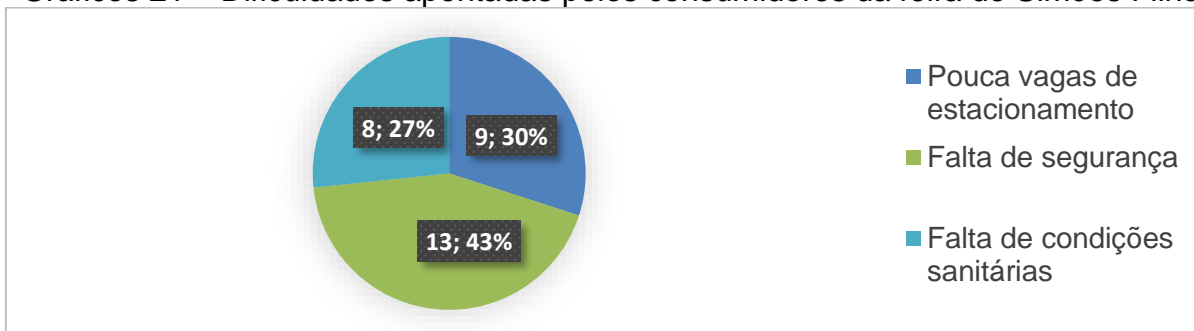


Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.

Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Também se faz necessário pôr em evidência as dificuldades (ver gráfico 21) da feira sob o ponto de vista dos consumidores. Segundo os entrevistados as principais de dificuldades são: poucas vagas de estacionamento com 30%, falta de segurança com 13 % e falta de condições sanitárias que corresponde a 13%. Com base na vivência constante na feira, constata-se a presença de muitos guardas municipais designados a manter a ordem e a segurança dos feirantes e dos consumidores.

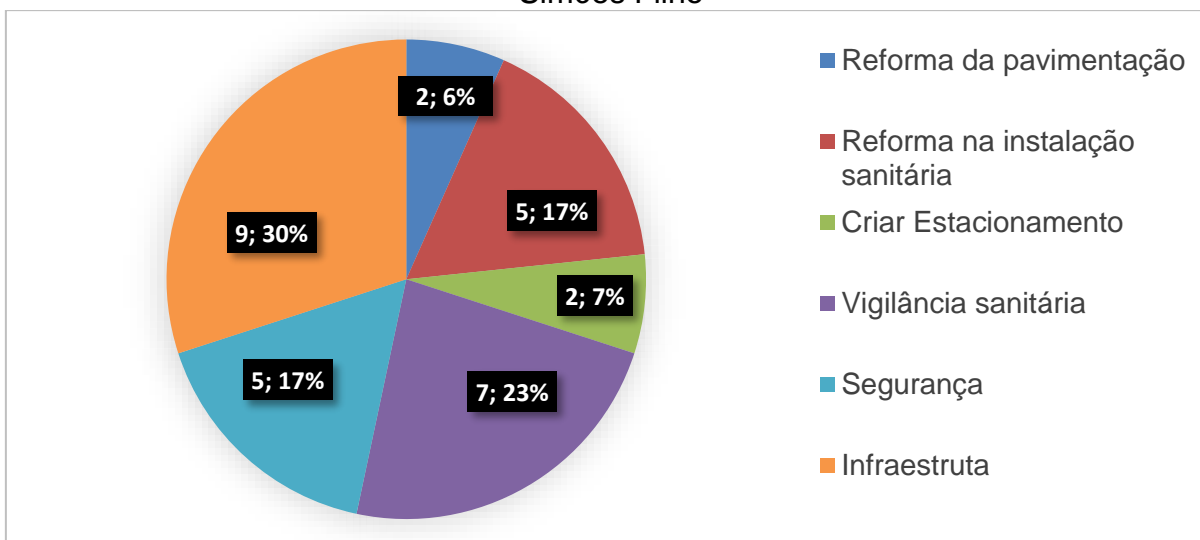
Gráficos 21 – Dificuldades apontadas pelos consumidores da feira de Simões Filho



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

No gráfico 22 são apontadas pelos consumidores as possibilidades de melhorias. Os pontos mais citados correspondem a infraestrutura com 30%, vigilância sanitária com 23%, reforma na instalação sanitária e segurança com 17%.

Gráficos 22 – Oportunidade de melhorias apontadas pelos consumidores da feira de Simões Filho



Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2017.
Elaboração: Joelma Gomes Ferreira

Ainda que o consumo seja um elemento primordial para a sobrevivência biológica e um aspecto permanente da condição humana. Os atores sociais presentes na feira de Simões Filho, também são produtores do espaço que usam, logo podem trazer contribuições de melhorias.

5 CONCLUSÃO

“A feira, é tudo na minha vida, criei minha filha do sustento que ainda tiro daqui[...] olhe para pessoas, todas são correria, todo mundo está aqui porque precisa, a feira é aberta, cabe todo mundo” (Senhora Valdiluce, feirante há 25 anos).

Uma das constatações importantes da pesquisa é que a maior parte das atividades da Feira Livre de Simões Filho está ligada ao circuito inferior de sua economia urbana. São atividades que se renovam e se adequam ao momento e às necessidades de seus atores sociais. Na fase de trabalho de campo ficou também constatado que a feira livre de Simões Filho teve seu contexto duplamente modificado: envolveu modificações em suas interações espaciais.

O estudo da feira livre e seus atores sociais exige tempo e envolvimento na ambiência, visto que, diferentes nuances permeiam o espaço e ele se apresenta de modo a nos enganar duplamente, seja por causa de suas determinações múltiplas e ‘poligenéticas’ ou de sua deformação original, para usar palavras de Milton Santos (2009).

Aos sábados, a presença de feirantes oriundos de outros municípios baianos modifica o ambiente. Presencia-se outros sotaques, oferta de outros produtos, presença de animais grande porte etc. Esse fenômeno é motivado pelas dificuldades de inserção dessas pessoas em outras atividades, que não sejam a atividade comercial e informal desenvolvida na feira.

Inicialmente, destacou-se que a feira de Simões Filho surgiu no início do processo de urbanização do município. Logo alcançou destaque em função da movimentação de vendedores e compradores que se dirigiam para o centro com finalidade de comprar e de comercializar os mais diversos produtos. Com a instalação do Centro Industrial de Aratu, houve uma nova dinâmica populacional e, por consequência, a ampliação da feira. Este dinamismo foi influenciado pela grande circulação de dinheiro e de pessoas na cidade, advindos da atividade industrial, que era a mais importante atividade econômica naquele momento.

A consolidação do setor terciário no município e o surgimento dos conjuntos residenciais e dos loteamentos provocaram modificação nas formas e na função existentes no município. A paisagem que, antes, era espaço em processo de adensamento, passou a ser dominada por estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, geradores de maior número de emprego formal. Ainda que

tenham ocorrido todas essas modificações, a feira continuou resistindo e sendo a principal forma de abastecimento para a população simõesfilhiense. Outros fatores, contudo, vieram a contribuir decisivamente para a ocorrência de modificações em seu *modus operandi*. Nesse quadro de referência, destacam-se: a inserção dos supermercados, como uma nova forma de comércio e de consumo e as condições físicas e estruturais da feira.

No que pese todas essas modificações, a feira permanece em pleno funcionamento, em condições de influenciar na dinâmica do espaço urbano do Município de Simões Filho, mediante dois fatores, o econômico e o social. Quanto ao primeiro, constitui a principal fonte de renda dos que não possuem qualificação profissional, na medida que emprega informalmente mais de 900 feirantes, tanto do município quanto de fora, o que acarreta o deslocamento diário de seus consumidores entre o local de residência e a feira. Ainda que indiretamente, a feira atrai consumidores de outros empreendimentos comerciais, não obstante sua classe social.

A pesquisa de campo apontou que a sociabilidade entre feirantes e consumidores é construída no decorrer do tempo, onde o consumo de mercadorias é transformado em consumo de relações humanas; o ato de consumir é transformado no conhecer das particularidades do outro. Para além disso, a feira funciona como palco de manifestações religiosas, campanhas educativas, ambiental e eleitoral. Apesar de toda esta importância, na feira também existem problemas que dificultam o trabalho dos feirantes. As dificuldades estão relacionadas a organização; a falta de segurança; a falta de condições sanitárias, entre outros. Entende-se que estes problemas são resultantes da falta de gestão por parte do poder público municipal.

Ao fim da pesquisa, ressalta-se que a feira livre de Simões Filho é um importante elemento que viabiliza processos sociais, políticos, culturais e econômicos. Processos estes, que são posto em movimento pelos atores feirantes e consumidores, que juntos modelam a organização do espaço.

REFERÊNCIAS

- CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1936981/mod_resource/content/3/aula%201_CHAU%C3%8D%2C%20Marilena.%20Convite%20%C3%A0%20Filosofia.pdf>. Acesso em: out. 2017.
- CONDER. **Painel de Informações: dados socioeconômicos da região metropolitana de Salvador**. Salvador, 2015.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. 2ª ed. Rio de Janeiro. 2001.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. Ática, 1995. 2 ED.
- DANTAS, C. F. N. e FERREIRA, R. S. **Os conhecimentos tradicionais dos (as) erveiros(as) da Feira do Ver-o-Peso (Belém, Pará, Brasil): um olhar sob a ótica da Ciência da Informação**. Perspect. ciênc. Inf, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362013000200008>> Acesso em: out. 2017.
- DANTAS, G.P.G. **Feira de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2007
- DINIZ, J. A. F. **O subsistema urbano regional de Aracaju**. Recife, SUDENE- PSU - SRE, 1987.
- HORA, A.A. **História comprida**. Prefeitura Municipal de Simões Filho. 2005
- IBGE. **Número de habitantes – Simões Filho (BA)**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?codmun=293070>>. Acesso em: set. 2017.
- IBGE. **Histórico de Simões Filho - BA**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/simoes-filho/historico>>. Acesso em: set. 2017.
- KON, A. **Sobre as atividades de serviços: revendo conceitos e tipologias**. Revista de economia política. 1999. Disponível em: < [://www.rep.org.br/PDF/74-5.PDF](http://www.rep.org.br/PDF/74-5.PDF) > acesso em nov. 2017.
- PORTO, Gil Carlos S. **Configurações sócioespacial e inserção das feiras livres de Itapetinga-BA e arredores no circuito inferior da economia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.
- ROCHA, H. C. **Perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da Feira do Produtor de Passo Fundo, RS**. Cienc. Rural, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-84782010005000196>>. Acesso em: out. 2017.
- ROCHA, R. C. S. **Feira dominical do Nordeste de Amaralina, Salvador/BA: uma análise sobre a territorialidade um espaço do circuito inferior**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

SALVADOR. Diário Oficial do Município. Atos do Poder Executivo. **Regulamento das Feiras Livres do Município de Salvador**. Salvador, 27 de maio de 1997.

SANTOS, J. E. **Feiras livres: (re) apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional**. Geografia Ensino & Pesquisa, 2013.

SANTOS, K. L. dos. **Uma financeirização da pobreza? O sistema financeiro e sua capilaridade no circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo**. 2007. Monografia. (Graduação em Geografia) - Departamento de Geografia/ Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

SEI. **Perfil dos territórios de identidade da Bahia**. Volume 2. Salvador, 2016.

SILVEIRA, M. L. **Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana**. Disponível em: <http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVII_1/agb_xvii1_versao_internet/agb_05_jandez2013.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

SILVEIRA, M. L. **Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo**. *Cad. CRH* [online]. 2009, vol.22, n.55, pp.65-76. ISSN 0103-4979. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792009000100004>>. Acesso em: 29 set. 2017.

SOUZA, M. N. C. **A teia da feira: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

VEDANA, V. **“Fazer a Feira”: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da feira-livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.